



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS TRINDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Heber Macel Tenório Vasconcelos

Jaraguá: o Arquiteto, a Alquimista e o Monstro na cartografia de um bairro em Maceió-AL

Florianópolis
2020

HEBER MACEL TENÓRIO VASCONCELOS

**JARAGUÁ: O ARQUITETO, A ALQUIMISTA E O MONSTRO
NA CARTOGRAFIA DE UM BAIRRO EM MACEIÓ-AL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Área de Concentração: Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Fiorin

FLORIANÓPOLIS
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Tenório Vasconcelos, Heber Macel

Jaraguá : o Arquiteto, a Alquimista e o Monstro na cartografia de um bairro em Maceió-AL / Heber Macel Tenório Vasconcelos ; orientador, Evandro Fiorin, coorientador, Paolo Colosso, 2020.

100 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Jaraguá. 3. Cartografia. 4. Dinâmica Socioespacial . 5. Percepção Urbana. I. Fiorin, Evandro. II. Colosso, Paolo. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. IV. Título.

Heber Macel Tenório Vasconcelos

Jaraguá: o Arquiteto, a Alquimista e o Monstro na cartografia de um bairro em Maceió-AL

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Juliana Michaello Macêdo Dias, Dra.

Universidade Federal de Alagoas

Profa. Margarita Nilda Barretto Angeli, Dra.

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Evandro Fiorin, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em arquitetura e urbanismo.

Prof. Dr. Paolo Colosso
Coordenador do Programa

Prof. Dr. Evandro Fiorin
Orientador

Florianópolis, 11 de dezembro de 2020

Esta dissertação é dedicada aos meus pais, ao meu irmão, aos meus poucos amigos, aos meus professores, ao meu Orientador e ao grande amor da minha vida Marlécio Maknamara da Silva Cunha.

Esta pesquisa não nasceu dentro das velhas bibliotecas, entre estantes empoeiradas e livros aprisionados. Ela foi encontrada livre, ao ar livre, no caminho, a cada passo, nas sensações e nas emoções atravessadas em muitos sentidos. Esta pesquisa se perdeu e se encontrou se fez e se refez, para então dançar e caminhar.

Parafraseando Nietzsche

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Universo, a Deus, aos meus anjos da guarda, aos meus guias espirituais, à luz que move o meu ser e a tudo que me conduziu até aqui, nesse instante...

Para começar, eu quase não vinguei... Parecia alérgico ao mundo – fato relatado por minha mãe – depois disso, não me lembro de muita coisa. As próximas memórias dizem respeito a minha infância. Não sei, com exatidão, quantos anos eu tinha, mas com certeza acredito que não tinha sequer três anos, essa é a lembrança mais antiga, acho que deve ter começado aqui... “Rato branco!” risos... eu não sabia o porquê, nem do que estavam rindo... Mas se por sina ou por carma, se por acaso ou penitência, não sei, apenas sei que escutei tudo isso que irei lembrar agora... “Saco de osso”, “seco”, “coro e osso”, “cabelo de bombril”, “galego sarará”, “cabelo de tuim”, “tuim”, “cabelo de luará”, “pixaim”, “fresco”, “menininha”, “quatro olhos”, “retardado”, “bichinha”, “dengoso”, “frescureto”, “mulherzinha”, “olha ela”, “barbie”, ... Darei uma pausa, apenas para destacar que tudo isso foi dito a uma criança! Mas seguirei com as recomendações que geralmente acompanhavam os “apelidos”... “Corta esse cabelo”, “obriga esse menino a comer”, “fale grosso” (penso que a primeira vez que escutei isso eu tinha por volta de 5 anos de idade), “se ajeite”, “não quero você brincando com as meninas”, “se eu vir você brincando com menina você vai apanhar”, “tome jeito de homem”, “vai apanhar pra ter jeito de homem”, “vai pra igreja pra temer a Deus”... Isso acontecia em casa, na escola e por onde eu fosse... Então eu sempre apanhei, levei surra, me batiam de tudo que era forma... no corpo, na mente e na alma. Então eu cresci acreditando que eu era “errado”... Errado fisicamente, errado sexualmente, simplesmente errado... Por isso eu me fechei, dentro de mim e atrás dos livros, e com isso, surgiram novos rótulos... “metido”, “padrãozinho”, “CDF”, “chato”, “careta”, “esnobe”, “encubado”, “enrustido”, “certinho”, “bonzinho”... “bonzinho” por sempre querer ajudar, e pasmem, até isso é motivo de crítica! Fora os adjetivos, quando adulto, por falta da possibilidade de levar uma surra física, multiplicaram-se “você não vai conseguir”, “você não é capaz”, “isso não é pra você”, “filho de pobre trabalha de dia e estuda a noite”, “esse curso não é pra você”, “esse curso é pra filho de rico”, “tá bom de trabalhar de verdade”, “você tem que fazer assim...”, “quem vai bancar esse mestrado?”, “nem eu, nem seu pai podemos lhe ajudar com essa história de mestrado”... Por isso, AGRADEÇO a tudo e a todos que me permitiram chegar até AQUI! Agradeço aos meus pais, agradeço aos meus poucos amigos, agradeço aos meus professores, ao meu orientador, agradeço a todos os entrevistados, a CAPES pelo aporte financeiro e ao PósARQ-UFSC pelo apoio. Agradeço em especial ao grande amor da minha vida, que sempre acreditou em mim e sempre me fez brilhar – Marlécio Maknamara da Silva Cunha.

RESUMO

“Jaraguá: o Arquiteto, a Alquimista e o Monstro na cartografia de um bairro em Maceió-AL” trata de uma pesquisa desenvolvida a partir do bairro de Jaraguá em Maceió – AL. Esse bairro é reconhecido, por diversos pesquisadores, e pela sociedade em geral, como um centro histórico. Diversas referências bibliográficas demonstraram seu papel e sua importância na formação e na consolidação de Maceió como entreposto comercial e posteriormente como capital do estado de Alagoas. As atividades e as relações sociais desenvolvidas no referido bairro foram determinantes para a construção de imaginários e de estigmas sobre o local. Diante da recorrência de citações sobre esses imaginários e esses estigmas, tanto por parte da literatura quanto por parte de sua comunidade, esta pesquisa tomou como assunto relevante a ser investigado *as dinâmicas socioespaciais presentes em Jaraguá*. Pensada e executada sob lentes pós-criticas, a pesquisa se vale da possibilidade de explorar a multiplicidade de significados acerca do que pode ser entendido como “espaço” e como “dinâmicas socioespaciais”. O estudo das dinâmicas socioespaciais acerca de um bairro, nesta dissertação, pretende compreender as possíveis forças e efeitos que os sujeitos exercem sobre os espaços e que os espaços exercem sobre os sujeitos. A pesquisa teve como objetivo principal *analisar os efeitos das relações entre usuários e estigmas sobre essas dinâmicas no bairro*. Para tanto, dois objetivos específicos se fizeram necessários: o primeiro, correspondente à *detecção dos possíveis usuários e dos possíveis estigmas que constituem as dinâmicas socioespaciais do bairro*; o segundo objetivo, correspondente à *compreensão das relações constituídas entre usuários e estigmas e seus desdobramentos naquelas dinâmicas socioespaciais*. Diante de tais pretensões, assumiu-se a cartografia como uma metodologia possível e o caminhar como procedimento metodológico. Esta pesquisa obteve como resultado lentes, cartas e mapas. Tais instrumentos permitiram alcançar os objetivos principal e específicos, bem como responder à questão de pesquisa suscitada. Além de possibilitarem a realização de desconstruções e desestabilizações em linguagens e em discursos totalizantes acerca do bairro de Jaraguá. Conclui-se que as lentes, as cartas e os mapas, se constituem também como pistas que podem levar ao encontro de um Jaraguá Outro.

Palavras-chave: Jaraguá, Cartografia, Dinâmicas Socioespaciais.

ABSTRACT

"Jaraguá: the Architect, the Alchemist and the Monster in a cartography of a neighborhood in Maceió-AL" is a research developed from the Jaraguá neighborhood in Maceió - AL. This neighborhood is recognized, by several researchers, and by society in general, as a historic center. Several bibliographic references demonstrated its role and its importance in the formation and consolidation of Maceió as a commercial warehouse and later as the capital of the state of Alagoas. The activities and social relationships developed in that neighborhood were decisive for the construction of the imaginary and stigmas about that place. Considering the recurrence of citations about these imaginary and stigmas, both from the literature and from the community, this research took the socio-spatial dynamics from Jaraguá as a relevant subject to be investigated. Thought and executed under post-critical lenses, the research makes use of the possibility of exploring the multiplicity of meanings about what can be understood as "space" and as "socio-spatial dynamics". The study of socio-spatial dynamics about a neighborhood, in this dissertation, intends to understand the possible forces and effects that the subjects give to the spaces and that the spaces give to the subjects. The main objective of the research was to analyze the effects of the relationships between users and stigmas on these dynamics in the neighborhood. For that, two specific objectives were necessary: the first, corresponding to the detection of possible users and possible stigmas that constitute the socio-spatial dynamics of the neighborhood; the second objective, corresponding to the understanding of the relationships formed between users and stigmas and their consequences in those socio-spatial dynamics. Towards those objectives, cartography was assumed as a possible methodology and walking as a methodological procedure. This research resulted in lenses, letters and maps. Such instruments made it possible to achieve the main and specific objectives, as well as to answer the research's question. In addition, it was possible to perform deconstructions and destabilizations in languages and in totalizing speeches about the Jaraguá neighborhood. In conclusion, lenses, cards and maps are also clues that can lead to the encounter of another Jaraguá.

Keywords: Jaraguá, Cartography, Socio-spatial Dynamics.

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Ritual para transmutação da Alquimista.....	39
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trapiches, Jaraguá, Maceió – AL, 1931.	29
Figura 2 – Trapiche Jaraguá, situado na Rua Sá e Albuquerque, Jaraguá, Maceió – AL.....	29
Figura 3 – Praça Dois Leões, Jaraguá, 1922.	31
Figura 4 – Praça Dois Leões, Jaraguá, Maceió- AL.....	32
Figura 5 – Consulado Provincial de Alagoas, fachada original, Jaraguá – AL.....	33
Figura 6 – Museu da Imagem e do Som de Alagoas - MISA, Jaraguá, Maceió- AL.	34
Figura 7 – Encruzilhadas	63
Figura 8 – Jardim na Gen.....	64
Figura 9 – Axé	65
Figura 10 – Balança	66
Figura 11 – Balanço	67
Figura 12 – Língua Gen	68
Figura 13 – Outras peles.....	69
Figura 14 – Só à vista.....	70
Figura 15 – Cristais.....	71
Figura 16 – Feito à mão.....	72
Figura 17 – Borracha	73
Hiato SalgadinhoFigura 18 – Hiato Salgadinho	74
Figura 19 – Afrocaeté.....	75
Figura 20 – Mapa 01: A raiz da garça, o galho do mar e a areia do céu	78
Figura 21 – Mapa 02: Homem-Peixe Rico.....	79
Figura 22 – Mapa 03: Pi’x’o Raiz/Gritos das Paredes	80
Figura 23 – Mapa 04: Oásis.....	83
Figura 24 – Mapa 05: Miragens.....	84

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PRÓLOGO: ENQUANTO ISSO, EM ALGUM LUGAR NO JARAGUÁ... ..	20
3	O ARQUITETO	22
3.1	Jaraguá/AL, uma breve contextualização.....	23
3.2	Trapiche Jaraguá	28
3.3	Praça Dois Leões.....	30
3.4	Museu da Imagem e do Som de Alagoas - MISA	32
3.5	Algumas considerações	34
4	A ALQUIMISTA.....	38
4.1	O LIVRO SECRETO DA ALQUIMISTA.....	40
4.2	ANOTAÇÃO 01: O TRATAMENTO DOS DADOS	41
4.3	ANOTAÇÃO 02: O SUPORTE DE REGISTRO.....	42
4.4	ANOTAÇÃO 03: A RELAÇÃO COM A SOCIEDADE	43
4.5	ANOTAÇÃO 04: O MÉTODO DE ABORDAGEM	44
4.6	ANOTAÇÃO 05: A RELAÇÃO COM OS SUJEITOS	50
4.7	ANOTAÇÃO 06: O CRITÉRIO ESPACIAL.....	51
4.8	ANOTAÇÃO 07: A ABRANGÊNCIA.....	52
4.9	ANOTAÇÃO 08: OS PROCEDIMENTOS DE CAMPO	52
5	O MONSTRO	60
5.1	CARTAS E MAPAS	61
5.2	LEN-TES, LENTES, LENTES-LENTAS-MOLECULARES-SEM-ÓRGÃOS.....	63
5.3	CARTA 01 – Senhora Maceió	76
5.4	MAPA 01 – A RAIZ DA GARÇA, O GALHO DO MAR E A AREIA DO CÉU	78
5.5	MAPA 02 – HOMEM-PEIXE RICO	79
5.6	MAPA 03 – PI”X”O RAIZ/GRITOS DAS PAREDES.....	80
5.7	CARTA 02 – Ao Homem-Peixe.....	81
5.8	MAPA 04 – Oásis.....	83
5.9	MAPA 05 – Miragens	84
5.10	CARTA 03 – A Foucault, Deleuze e Guattari.....	85
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS.....	96



INTRODUÇÃO

Fonte: o autor, 2020

1 INTRODUÇÃO

“Jaraguá: o Arquiteto, a Alquimista e o Monstro na cartografia de um bairro” trata de uma pesquisa desenvolvida a partir do bairro de Jaraguá em Maceió – AL. Esse bairro é reconhecido, por diversos pesquisadores, e pela sociedade em geral, como um centro histórico. Diversas referências bibliográficas¹ demonstram seu papel e sua importância na formação e na consolidação de Maceió como entreposto comercial e, posteriormente, como capital do estado de Alagoas.

Ao longo do tempo, o bairro de Jaraguá tem passado por quatro momentos marcantes: o surgimento, a ascensão, a decadência e a revitalização. As atividades e as relações sociais desenvolvidas no referido bairro foram determinantes para a construção de imaginários e de estigmas sobre o local. Diante da recorrência de citações sobre esses imaginários e esses estigmas, tanto por parte da literatura quanto por parte de sua comunidade, esta pesquisa tomou como assunto relevante a ser investigado *as dinâmicas socioespaciais presentes em Jaraguá*. Pensada e executada sob lentes pós-críticas, a pesquisa se vale da possibilidade de explorar a multiplicidade de significados acerca do que pode ser entendido como “espaço”. Assim, esta investigação adotou, para o conceito de espaço, um sentido de heterotopia atribuído por Foucault (2006) e apropriado por Soja (1993), sentido de espaço como algo móvel, vivo, dialético, dinâmico, fluido, algo “*como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama*” (FOUCAULT, 2009, p. 411)

Por sua vez, nesta dissertação, o conceito de “dinâmicas socioespaciais” foi entendido no sentido de relações sociais constituídas e desenvolvidas entre sujeitos – usuários, visitantes, moradores e outros atores – e os espaços – residências, prédios comerciais, ruas, avenidas, praças etc. Inspirada em Menezes (2000), a presente pesquisa entendeu que tais dinâmicas ocorrem diante de implicações mútuas de influências que são exercidas entre sujeitos e espaços e vice-versa. Tais dinâmicas, em termos de influências/implicações, foram sendo criadas e estabelecidas no decorrer da história do bairro. O estudo das dinâmicas socioespaciais acerca de um bairro, portanto, pretende compreender as possíveis forças e efeitos que os sujeitos exercem sobre os espaços e que os espaços exercem sobre os sujeitos (MENEZES, 2000).

¹ As respectivas referências citadas se encontram ao logo do capítulo I desta dissertação.

Dentre as múltiplas possibilidades de abordagem do assunto, esta dissertação tem como tema, especificamente: *as relações entre usuários e estigmas nas dinâmicas socioespaciais do bairro Jaraguá*. A questão de pesquisa foi: *Que efeitos as relações entre usuários e estigmas têm sobre as dinâmicas socioespaciais do bairro Jaraguá-AL?* A pesquisa teve como objetivo principal *analisar os efeitos das relações entre usuários e estigmas sobre essas dinâmicas no bairro*. Para tanto, dois objetivos específicos se fizeram necessários: o primeiro, correspondente à *detecção dos possíveis usuários e estigmas que constituem as dinâmicas socioespaciais do bairro*; o segundo objetivo, correspondente à *compreensão das relações constituídas entre usuários e estigmas e seus desdobramentos naquelas dinâmicas socioespaciais*.

Diante do assunto e do tema selecionados, da questão de pesquisa suscitada, da definição dos objetivos principal e específicos, restou a esta investigação decidir sobre a metodologia mais adequada para a realização desta pesquisa. Dessa forma, a cartografia se apresentou como uma metodologia pertinente diante de tais pretensões. A compatibilidade entre questão de pesquisa, objetivos e método foi comprovada em campo e ao longo da construção da revisão bibliográfica. As práticas cartográficas assumidas foram derivadas das leituras e das interpretações do livro “Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009) e do precioso escrito “Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo” (ROLNIK, 2011). Foi possível entender que os conteúdos expostos por essas obras poderiam servir como pistas para o desenvolvimento desta pesquisa, mas não como regras, uma vez que a cartografia, segundo essas fontes, não poderia ser encontrada e experienciada da mesma maneira com a qual se soluciona uma equação matemática. Entre as diferentes e inúmeras pistas possíveis, três orientaram o desenvolvimento desta investigação: a cartografia como pesquisa/análise-intervenção; a cartografia como método de acompanhar processos e a cartografia como política de narratividade. Tais noções serão desenvolvidas no segundo capítulo desta Dissertação.

O “Caminhar e Parar” foi assumido como procedimento metodológico, como técnica e como prática estética de percepção. O referido procedimento e seus desdobramentos para esta pesquisa foram situados a partir dos seguintes livros: “Walkscapes o caminhar como prática estética” (CARERI, 2016) e “Caminhar e parar”

(CARERI, 2017); do livro “Caminhar, uma filosofia” (GROS, 2010); e do capítulo “O *Flâneur*”, encontrado no livro “Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo: obras escolhidas” (BENJAMIN, 2017). Baseando-se em seus escritos, esta dissertação foi capaz de evidenciar e esclarecer como esses e outros autores fizeram da caminhada um hábito e um meio para acessar seus pensamentos e corporificar suas filosofias.

A presente dissertação, está organizada em três partes distintas. Para alcançar um estilo próprio de escrita, o autor optou por construir os capítulos incorporando três personagens – o Arquiteto, a Alquimista e o Monstro. Dessa forma, o primeiro capítulo corresponde a “O Arquiteto”; o segundo capítulo faz entrar em cena “A Alquimista”; e o terceiro capítulo, por fim, revela “O Monstro”. A estratégia de corporificar esses três personagens foi adotada visando a uma leitura mais ilustrativa e criativa e, dessa forma, ajudar a compreender mais claramente os conceitos, as experiências e os mapas resultantes da cartografia. Tal forma de escrita, além disso, expressa o próprio processo de transformação e de desenvolvimento do autor como pesquisador e de sua aproximação com o objeto de seu estudo.

Em “O Arquiteto” foi escrita uma breve contextualização histórica sobre o bairro. O bairro de Jaraguá, que ao longo da dissertação serve como cenário e como protagonista, nesse momento é descrito historicamente pelo personagem do Arquiteto. A descrição histórica conta com o estudo mais aprofundado de três obras arquitetônicas previamente selecionadas – o Trapiche Jaraguá, a Praça Dois Leões e o Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA). Ainda sem muitas certezas quanto ao que viria a ser a presente pesquisa, o arquiteto ou o estudante-arquiteto procura, no referido capítulo, aproximar-se de seu objeto de pesquisa. Contudo, impregnado por vícios trazidos de sua época de graduação e de iniciação científica, escreve a história do bairro em terceira pessoa. Buscava por datas e fatos que fossem capazes de justificar suas escolhas e sua pesquisa, pois ainda não havia sido afetado completamente pelas discussões, debates e aulas do curso de Mestrado. Além disso, também carregava o positivismo e o racionalismo por todo o seu corpo e, conseqüentemente, também por toda a sua escrita; as figuras, por sua vez, são tratadas como ilustrações que pouco revelam do lugar.

Já distante do arquiteto descrito anteriormente, a Alquimista, no segundo capítulo, representa um período de transformação do pesquisador e de sua forma de lidar com sua

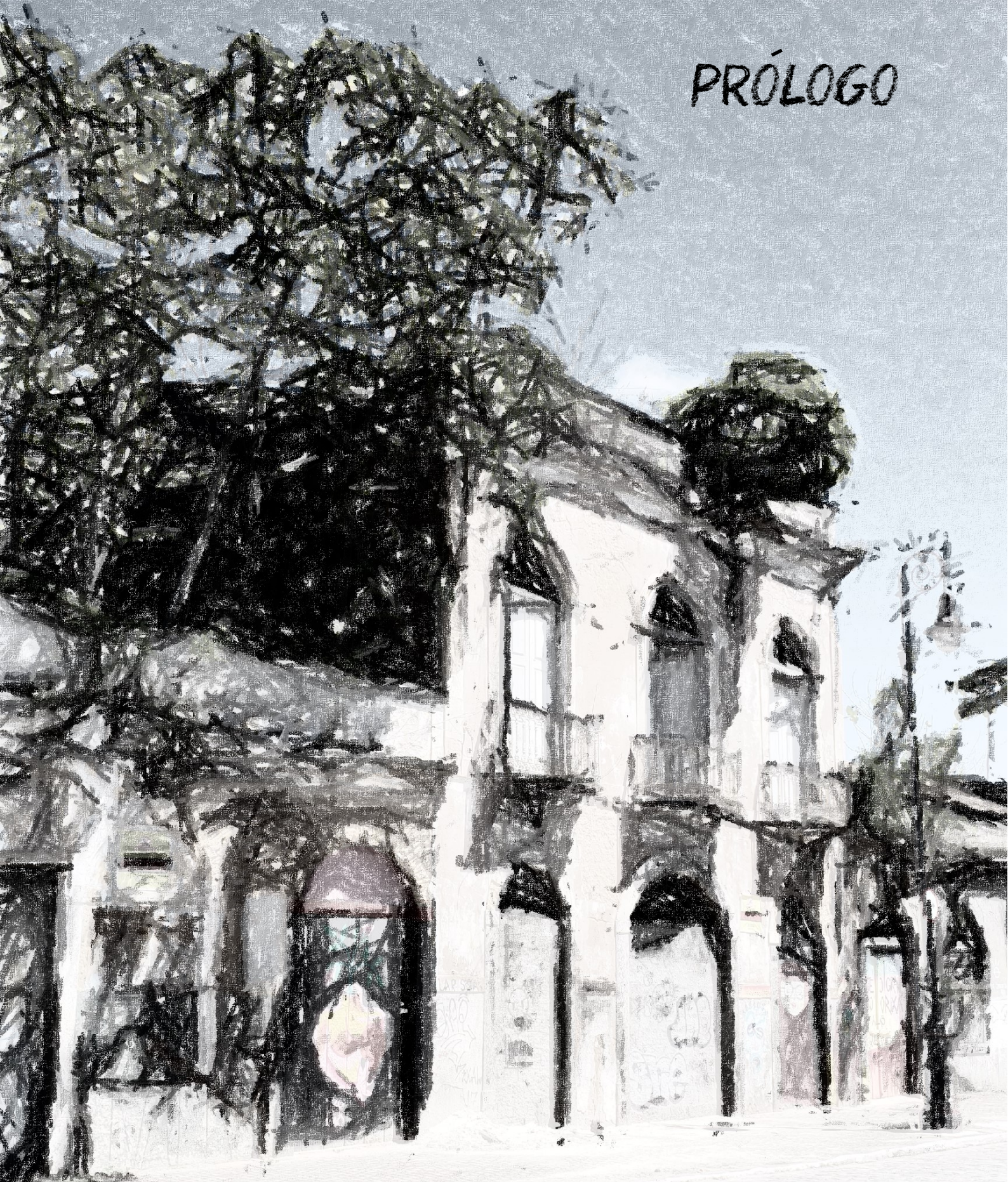
pesquisa. Todos os conteúdos e todos os momentos – leituras, aulas, seminários, intervenções – vividos durante o período do curso de mestrado “acenderam uma luz” dentro do arquiteto-pesquisador. Tudo a/o tocou e a/o atravessou de algum modo e com alguma intensidade, provocando uma transformação em sua forma de enxergar o mundo e, inevitavelmente, de pensar, escrever e realizar sua pesquisa. Libertou-se de várias correntes que a/o limitavam, a/o aprisionavam e a/o detinham. “A Alquimista” trata do capítulo metodológico desta dissertação. Por meio da revelação do livro secreto da Alquimista, apresentam-se seus procedimentos, instrumentos, argumentos e artefatos, que para esta dissertação tiveram a finalidade de balizá-la metodologicamente. Nesse capítulo a presente pesquisa emerge como um meio de conhecimento, de intervenção e de exemplo singular das múltiplas possibilidades metodológicas voltadas aos estudos e às investigações sobre as dinâmicas socioespaciais de um bairro. É importante salientar que o respectivo capítulo só foi possível graças as aulas e aos conhecimentos compartilhados na disciplina de Metodologia.

Por fim, encontramos o Monstro. Um ser sem forma, sem sexo e sem gênero, livre de amarras conceituais, de preconceitos, de limites, de regras e de leis, gigante e fluido, múltiplo e único em sua essência (COHEN, 2000). O Monstro é o personagem-chave do terceiro capítulo desta dissertação. O ser – esse Ser – que vagou pelas ruas, que pisou o chão, que tocou as paredes e as superfícies, que sentiu os sons, os cheiros e os gostos, que encarnou as histórias e os sentimentos, que caminhou à deriva através dos infinitos planos e camadas coexistentes... esse Monstro não se trata daquele ser grotesco presente em muitos contos e na imaginação da maioria das pessoas. O Monstro desta dissertação é um ser fantástico e, por ser assim, é capaz de fazer-nos ver o ainda não visto acerca das dinâmicas socioespaciais de um bairro como o Jaraguá.

Através de cartas e de mapas, o incrível Monstro buscará amplificar, desconstruir, multiplicar e reinventar olhares, pistas, vestígios, relações e conceitos até então petrificados, totalizantes, hegemônicos e canônicos a respeito do bairro, de seus sujeitos e de sua dinâmica. As cartas do Monstro trazem relatos sobre as experiências, as percepções e os atravessamentos observados em campo. Essas cartas foram endereçadas a personalidades que fizeram e fazem parte da vida particular e da formação acadêmico-científica do autor, propondo a construção e o desenvolvimento de um

diálogo aberto com a sociedade e com seus pesquisadores. As cartografias também produzidas pelo Monstro, diferentemente das representações cartesianas e ortodoxas, nesse terceiro capítulo, figuram como expressões gráficas – colagens, pinturas, desenhos, rascunhos – criadas e realizadas à mão livre. Esses constructos apresentam pistas e subjetividades que podem conduzir ao encontro com o singular no bairro de Jaraguá. Por meio de um caminhar aberto, atento e sensível, tais expressões estéticas (cartas e mapas) apresentam tesouros (resultados da pesquisa, achados sobre o bairro). A pretensão, portanto, é a de que os conhecimentos disponibilizados nesta dissertação ofereçam pensamentos e reflexões sobre paisagens multidimensionais constituintes das dinâmicas socioespaciais de um bairro.

PRÓLOGO



Fonte: o autor, 2020

2 PRÓLOGO: ENQUANTO ISSO, EM ALGUM LUGAR NO JARAGUÁ...

(Monstro) – Bom dia, meus queridos! Como estão?

(Alquimista) – Bom dia. Mas quem é você?

(Monstro) – Eu sou um monstro. Não dá pra perceber não, é?

(Arquiteto) – Não dá mesmo. Você não assusta, não é feio e ainda conversa com a gente...

(Monstro) – Acho que vocês têm uma ideia equivocada do que possa ser um monstro. Dos livros de onde nasci, um monstro é “[...] **pura cultura. Um constructo e uma projeção, o monstro existe apenas para ser lido: o monstrum é, etimologicamente, ‘aquele que revela’, ‘aquele que adverte’, um glifo em busca de um hierofante. Como uma letra na página, o monstro significa algo diferente dele: é sempre um deslocamento [...]**” (COHEN, 2000, p.27, grifos meus).

(Alquimista) – Ahhh Então você lembra os fragmentos e as composições de coisas com o que eu costumo mexer...

(Monstro) – Ahhh, Então você é uma alquimista. O método com o qual você trabalha é a alquimia, não é?

(Alquimista) – Não. Logo na primeira transmutação que eu fiz, transformei a mim mesma numa alquimista cujo método é a cartografia.

(Arquiteto) – E desde quanto cartografia é método?

(Alquimista) – Desde que realizar cartografias são artes de fazer, modos de chegar a um horizonte, modos de pensar com pistas, fragmentos e composições.

(Arquiteto) – Mas dizer que cartografia é método te compromete, já que fecha possibilidades enquanto você me parece querer trabalhar de modo mais aberto, subjetivo e criativo! Ou não?

(Monstro) – Não, meu querido. Até entendo que um dia, há muito tempo atrás, estabeleceram que “método” era algo mecânico, objetivo e fechado. Isso é herança do positivismo e do cartesianismo, você sabe, mas nem todo mundo pensa ou faz “método” dessa maneira. Eu, particularmente, compartilho dessa mesma perspectiva metodológica da Alquimista.

(Alquimista) – Pois é! Sentidos de “método” são disputados, mesmo!

(Arquiteto) – Parece ser verdade!! Vejam vocês, eu estou fazendo um Mestrado em Arquitetura onde vejo não somente diferenças metodológicas entre os paradigmas quantitativo e qualitativo, mas também diferentes nuances e disputas de sentidos dentro de cada um deles.

(Alquimista) – Ora, se até os sujeitos têm nuances dentro deles...

(Arquiteto) – Entendi. Afinal, tudo depende dos sentidos e das nuances do olhar de quem olha...

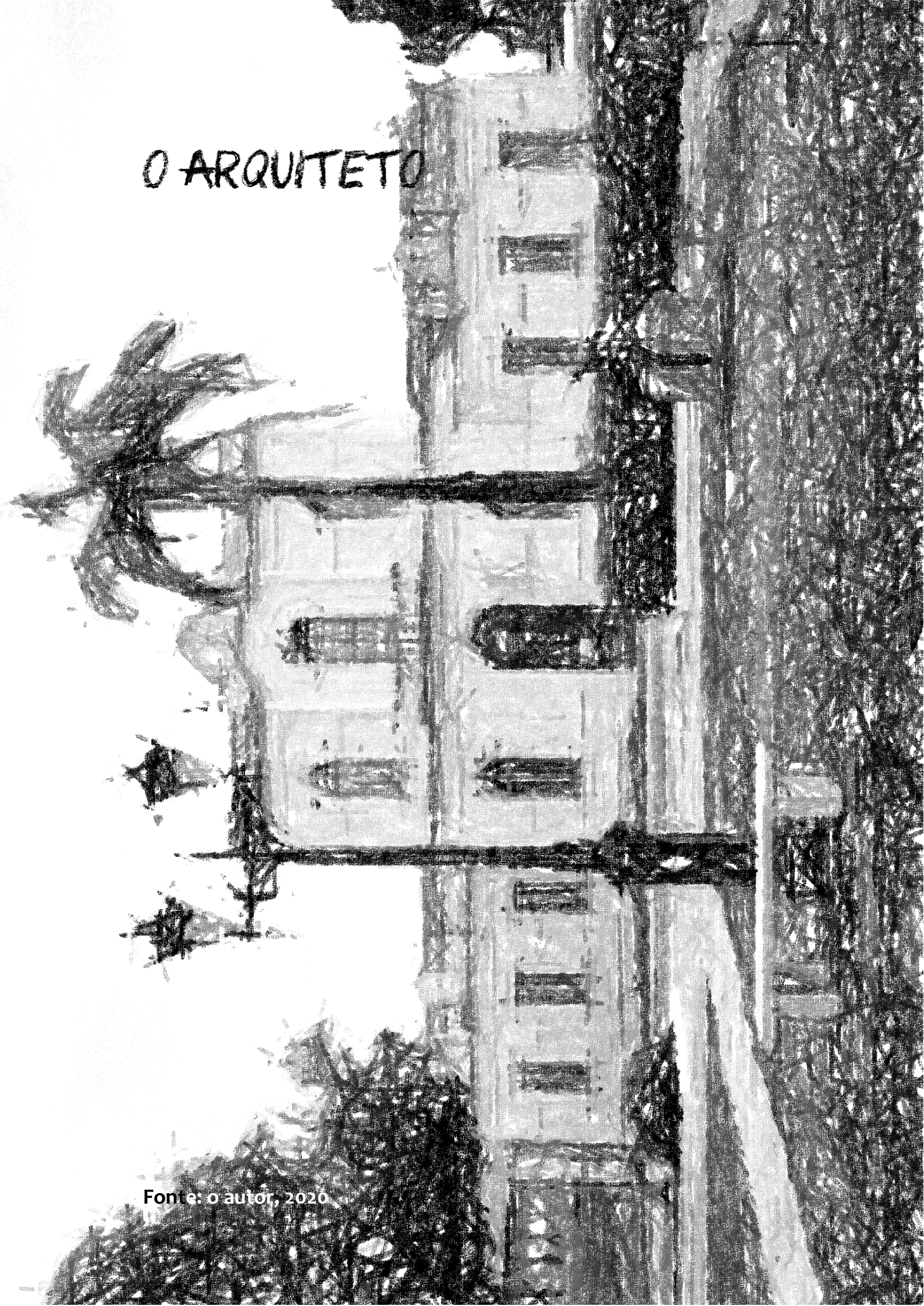
(Alquimista) – Não é só isso. Não é só uma questão de perspectiva de quem olha. É que dentro do indivíduo que observa habitam vários sujeitos.

(Arquiteto) – Mas como isso é possível?

(Alquimista) – Considere que você, arquiteto, assim como eu mesma e o Monstro, somos, cada um, uma posição que se soma a outras para constituir diferentes pessoas. Uma delas se chama Macel.

(Monstro) – Por exemplo, arquiteto... Você, com suas habilidades, conhecimentos e atitudes... Como definiria o bairro de Jaraguá em Maceió?

O ARQUITETO



Fonte: o autor, 2020

3 O ARQUITETO

Até pouco tempo atrás se acreditou que todos os homens, mulheres e seres tinham origem ao nascer. Contudo, quando o “pensamento” expandiu seus significados – a partir dos estudos voltados à linguagem – novas possibilidades e complexidades emergiram. Tais estudos, nos permitiram entender que tudo só é o que é, porque, em algum momento, no passado, nos disseram que são o que são. Atribuímos nome, função e valor a tudo, e assim sem nos darmos conta, nós, “humanos”, criamos todas as coisas “reais” e “abstratas”. Dessa forma, quando realizamos reflexões mais profundas, podemos perceber que há muito e muito tempo não temos origem quando nascemos.

O Arquiteto – o ser que escreveu este capítulo –, por tanto, não tem data de nascimento exata. Ele é uma grande junção de inúmeros conceitos predefinidos, pré-estabelecidos e pré-requisitados. De modo geral, no Brasil, os Arquitetos são “criados” com bases consideradas sólidas: concretas, matemáticas, geométricas, racionais, lógicas, funcionais, científicas e esquemáticas que se racionalizam e se entrecruzam como uma função, derivada e integralizada com a finalidade de obter um resultado “padrão”.

Assim sendo, o Arquiteto até então formado de modo “padrão” se debruçou sobre a história formal do bairro de Jaraguá. Em paralelo, começou a ser afetado por reflexões profundas que emergiam das disciplinas recém iniciadas do curso de mestrado. Ainda semi-submerso numa visão institucionalizada, acreditava que seria necessário comprovar datas e acontecimentos emblemáticos ocorridos no bairro para validar sua pesquisa. Fora o positivismo, nada mais, ao seu ver, lhe parecia seguro, na verdade tudo mais lhe soava incerto. Em meio a esses tensionamentos o Arquiteto escreveu o capítulo que está prestes a começar.

3.1 Jaraguá/AL, uma breve contextualização²

O nome “Jaraguá” tem origem indígena, podendo ter mais de um sentido. O significado reconhecido por esta pesquisa foi o de “Enseada das Canoas” (SANTOS, 1986). Sua provável origem, segundo diversos pesquisadores, ocorreu no início do século XVI, a mando da Coroa Portuguesa. No local, foi instalada uma pequena vila de pescadores, com o objetivo de ocupar a enseada e evitar o contrabando de pau-brasil e outras mercadorias. Posteriormente, essa vila de pescadores veio a se tornar a Vila de Maceió (ATAÍDE, 2015). Segundo Altavila (1988), entre o século XVIII e meados do século XX, Jaraguá passou por um grande processo de ascensão econômica, sendo esse período onde foram construídas e executadas a grande maioria das edificações hoje consideradas históricas, dentre elas, os famosos trapiches. O primeiro armazém construído no bairro, também foi nomeado de “Jaraguá” (ATAÍDE, 2015). Os trapiches eram pontes construídas em terra firme que se estendiam até o mar. Sua estrutura era portada por palafitas e se caracterizavam por suas longas extensões. Tais estruturas tinham a finalidade de facilitar o transporte das mercadorias importadas e exportadas até as embarcações, que não podiam chegar até a praia. Além de suas respectivas funções os trapiches marcaram o perfil da paisagem local.

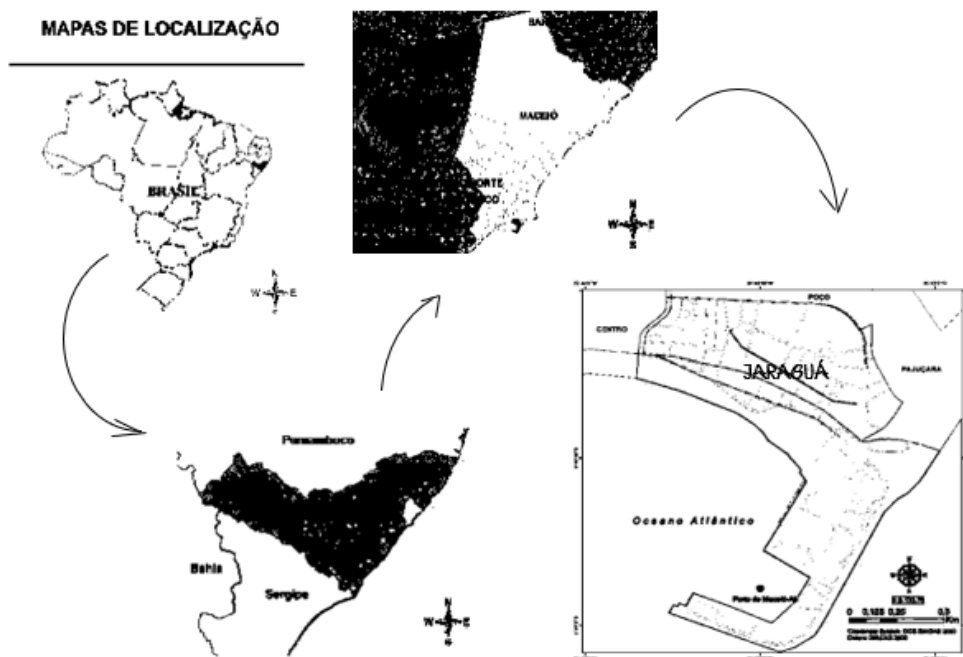
Ao longo do tempo, o bairro do Jaraguá passou por um processo de deterioração. A história hegemônica tem insistido que sua desvalorização pode ter relação com as próprias atividades que ali se desenvolviam. Por conta da atividade portuária e da consequente presença de marinheiros e trabalhadores, Jaraguá, teria passado a constituir-se como um local de passagem. Esse perfil, somado à frequente presença masculina, algo comum, em áreas como essa, ao redor do mundo, teria propiciado o incremento de pensões, bares e cabarés. Conferiu, ainda, a imagem de lugar “boêmio” e de “promiscuidade”. Até os dias atuais, esse ideário/estigma permanece no imaginário coletivo do lugar e é reconhecido por parte de seus usuários, historiadores e comunidade. Tal imagem teria sido provocadora da evasão de parte das famílias e de algumas instituições que ali habitavam. Atualmente, é possível constatar a permanência de um

² Este capítulo inicialmente foi apresentado no durante o II Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural (VASCONCELOS e FIORIN, 2019) e posteriormente no periódico *Research, Society and Development* (VASCONCELOS e FIORIN, 2020a). O durante o período de escrita deste capítulo também publicou no periódico *Research, Society and Development* outro artigo científico voltado ao estudo de arquiteturas educacionais (VASCONCELOS e MAKNAMARA, 2020)

número pequeno de residências e um maior número de galpões abandonados, edificações comerciais e bancos. (ALTAVILA, 1988; PEDROSA, 1998; ANDRADE, 2005; ATAÍDE, 2015; ARAÚJO, 2017, FORTES, 2018). Nesse contexto, devemos ressaltar a importância histórica, social, econômica e cultural do bairro para a memória, identidade e paisagem local. Além disso, reforçamos a relevância desse bairro para a formação da cidade de Maceió e para o entendimento dos processos de deterioração dos centros históricos nacionais e de outros países, por já ser reconhecido como um processo global.

Entre o século XVIII e meados do século XX, Jaraguá passou por um grande processo de ascensão econômica. Em 9 de dezembro de 1839, devido ao reconhecimento de Maceió como importante entreposto comercial, político e cultural, o então Presidente da Província, Dr. Silva Neves, em Assembleia, altera a capital da Província da antiga cidade das Alagoas, atual município de Marechal Deodoro, para Maceió (ALTAVILA, 1988). A transferência da capital da província para a então Vila de Maceió contribuiu para implementação de uma maior infraestrutura no bairro (ALTAVILA, 1988). Foi a partir dessa mudança que se intensificaram as construções de prédios, além dos que tinham finalidade comercial. Ampliou-se a quantidade de moradias, armazéns, pensões, bares e cabarés (ALTAVILA, 1988).

Mapa 1 – Localização do bairro de Jaraguá, Maceió/AL, Brasil.



FONTE: o autor, 2019.

Por meio da revisão bibliográfica tornou-se evidente que as principais transformações ocorridas no bairro se deram a partir do século XIX. Partindo dessa constatação e com a finalidade de alcançar uma compreensão mais aprofundada das relações e dos contextos que influenciaram na sua dinâmica, na paisagem e no patrimônio cultural, fez-se necessária a delimitação de um recorte temporal. O período delimitado compreendeu desde o início do século XIX até a contemporaneidade. O mapa 1 mostra a localização do bairro em relação à cidade de Maceió e, desta, em relação a Alagoas.

No começo do século XIX, a paisagem do bairro de Jaraguá apresentava características reminiscentes de sua implantação (SANTOS, 1986). Diversos historiadores relataram a existência de um areal (dunas) e de casas construídas com a técnica de pau-a-pique. Essas casas, correspondiam, provavelmente, ao conjunto que formava a antiga vila dos pescadores. A geografia, além de compor a paisagem e a identidade foi um ponto determinante para a consolidação do local como entreposto comercial e como ancoradouro, graças aos arrecifes que serviam como barreira e proteção natural para as embarcações que atracavam nos trapiches (SANTOS, 1986).

Segundo Santos (1986), foi a partir da década de 1820 que sobrados, casas e prédios mais estruturados começaram a ser construídos. Ainda durante esse mesmo século, famílias abastadas, bancos, comércios, trapiches e companhias de navegação se fixaram no bairro. O desenvolvimento de Jaraguá aconteceu devido às atividades relacionadas aos ancoradouros. Graças a elas ocorriam todas as importações e exportações da Capitania. Durante o século XIX, os produtos e mercadorias exportados, em sua grande maioria, foram: açúcar, cereais, algodão, fumo e madeira.

Os edifícios comerciais se concentraram em volta do engenho Maçayó, atualmente, o centro da capital, separado de Jaraguá pelo riacho Salgadinho. A travessia de pessoas e de mercadorias ocorriam através de jangadas. Entre o começo de 1800 até 1871, o cruzamento entre os bairros deu-se com a construção de uma ponte de madeira e, mais tarde, uma outra construída em ferro e concreto (SANTOS, 1986). A nova ponte ficou conhecida como “a ponte dos Fonecas”, em homenagem ao Marechal Deodoro da Fonseca e seus irmãos. Com dimensão de 120 metros de comprimento e 4 de largura, contava também com passeios laterais e grandes lampiões. Esta ponte foi substituída

após o ano de 1924, devido a uma tromba d'água ter comprometido sua estrutura. A ponte que lá existe atualmente não possui as dimensões originais, pois o leito do riacho foi desviado e aterrado (SANTOS, 1986; ALTAVILA,1988). Além da ponte, outra interligação importante com o centro de Maceió foi o ramal ferroviário inaugurado no ano de 1868 (SANTOS, 1986; PEDROSA, 1998). Ambas as construções foram decorrentes da visão e das políticas ocorridas nos anos de 1820, implementadas pelo governador Melo e Póvoas (ALTAVILA, 1988; PEDROSA, 1998).

Segundo a literatura consultada, o governador Melo e Póvoas foi o governante que mais se preocupou em implementar obras de infraestrutura no bairro de Jaraguá. Além disso, Póvoas foi o primeiro político a solicitar o mapeamento da região em 1820 (ALTAVILA,1988). O mapa foi atualizado em 1841, a partir desse novo mapeamento pode-se visualizar o surgimento de novas ruas e a consolidação das principais vias do bairro, como a atual rua Sá e Albuquerque (SANTOS, 1986). Santos (1986) relata que, de acordo com o levantamento realizado pelo historiador Moacyr Santana, registros datados de 1866 mostram que todas as vias principais do bairro Jaraguá já estavam constituídas. Eram elas as antigas ruas do Amorim, rua do Oitizeiro e rua do Bom Retiro, atualmente conhecidas, respectivamente, por rua Coronel Pedro Lima, Av. Maceió e rua Melo e Póvoas. Além delas, já havia também a primeira avenida criada perpendicularmente à orla marítima, inicialmente chamada de “estrada nova”, atual Avenida Comendador Leão (SANTOS, 1986).

As características das primeiras construções seguiam um estilo colonial. Tratavam-se de sobrados baixos, porém com biqueiras largas e grades em madeira (SANTOS, 1986). Na década de 1840, a arquitetura influenciada por Portugal e aclimatada à colônia passou a ser substituída pelo greco-romano. As duas tipologias de construção ainda podem ser observadas na rua Sá e Albuquerque; algumas das fachadas foram modificadas ao longo do tempo, mas a grande maioria preserva seu estilo original (SANTOS, 1986).

Pedrosa (1998) buscou transmitir a história e as relações que existiram em Jaraguá. Conta que a Praça Rayol foi palco de grandes festas e de folguedos. Relembra o percurso realizado pelo bonde que parava na Avenida Comendador Leão e que todas as casas dessa avenida eram de uso residencial. O texto de Santos (1986) relata que no bairro já existiu uma fábrica de sabão, uma fábrica de mosaicos, sítios, companhias de navegação

e até uma vacaria. As relações sociais no bairro se deram, a princípio, entre comerciantes, famílias abastadas, marinheiros e trabalhadores. Por sua importância como um entreposto, também houve o aparecimento de prostíbulos e meretrícios. Com o passar do tempo, revelou-se que os bares e pensões funcionavam como fachada para abrigar esses estabelecimentos. As meretrizes atendiam aos homens de maior poder aquisitivo e, em geral, ocupavam o primeiro andar dos prédios localizados na rua Sá e Albuquerque. Os marinheiros e trabalhadores frequentavam os prostíbulos que se localizavam em ruas menos importantes. Essa atividade teria contribuído para a construção da imagem do bairro como lugar boêmio e promíscuo. Tais estereótipos teria provocado a gradativa evasão das famílias e de algumas instituições existentes no bairro (SANTOS, 1986; ALTAVILA, 1988; PEDROSA, 1998). Outro fato relevante que, possivelmente, colaborou para a diminuição do número de habitações e de moradores no bairro teria sido a construção do cais do porto. A mecanização diminuiu a necessidade do número de trabalhadores, o que acabou enfraquecendo o comércio local. Por consequência, praticamente todas as áreas comerciais migraram para o centro (SANTOS, 1986). Na verdade, Jaraguá tem guardado forte relação com a vida portuária, como corrobora a citação a seguir:

“A [...] gênese arquitetônica de Jaraguá foi forjada pela dinâmica portuária. Exportações em grande escala, a partir do século XIX, motivaram a construção de armazéns conhecidos por trapiches, cuja característica principal era a utilização de pontes no transporte da mercadoria até a embarcação. Os mais avançados e amplos, instalados na rua da Rua da Alfândega, atual Sá e Albuquerque, destacavam-se pela sofisticação de equipamentos, dentre esses estão o Faustino, O segundo, o Novo e o Jaraguá” (DANTAS, TENÓRIO e MENEZES, 2011, p. 205).

Contudo, Nascimento (2018) destaca que durante duas décadas, entre 1970 e 1990, o “vazio” predominou em Jaraguá. No bairro restaram a “favela” de Jaraguá, também conhecida como “Vila dos Pescadores”, bares, casas de prostituição e algumas instituições reminiscentes (NASCIMENTO, 2018). Nos anos de 1990, seguindo a tendência de outros centros históricos, Jaraguá passou por um processo de “revitalização”. As fachadas ganharam cores, a favela foi parcialmente removida e a vida noturna ganhou novos bares e boates. A princípio, a população da capital teria tornado a frequentar o bairro durante os finais de semana em busca de festas e de diversão. Porém, a imagem

marginalizada teria pesado e, poucos anos depois da execução do projeto de reforma, o bairro voltou a passar por novo esvaziamento. As fachadas pintadas sofreram intervenções (pichações e grafites), a favela (Vila dos Pescadores) que havia sido relocada para a periferia ressurgiu e bares e casas noturnas alternativas e dedicadas ao público LGBTQIA+ se mantiveram (NASCIMENTO, 2018).

Ao longo do tempo, o bairro do Jaraguá passou por um processo de ascensão e de declínio. Sua desvalorização pode ter relação com as próprias atividades que ali se desenvolviam. Fato é que o bairro passou a ser reconhecido como um local de passagem e, no imaginário de parte da população, como um lugar boêmio e até promíscuo. Segundo a história que se diz “oficial”, esse ideário teria permanecido na percepção coletiva até os dias atuais e seria assim reconhecido tanto por seus usuários e pela comunidade quanto por historiadores (ALTAVILA, 1988; PEDROSA, 1998; ANDRADE, 2005; ATAÍDE, 2015; ARAÚJO, 2017). A seguir, passaremos a discorrer sobre algumas das edificações mais emblemáticas desse importante bairro da cidade de Maceió-AL.

3.2 Trapiche Jaraguá

Os trapiches funcionavam como passarelas que ligavam grandes armazéns até o mar. Alguns tinham cobertura para proteger os trabalhadores e as mercadorias da chuva. Em geral, a estrutura básica de um trapiche consistia em uma plataforma estruturada em palafitas de madeira. Os trapiches foram criados para minimizar os prejuízos dos donos de armazéns, pois até então os escravos tinham que adentrar o mar a pé levando e trazendo sacas e mercadorias na cabeça (ALTAVILA, 1988; ATAÍDE, 2015). A entrada constante no mar fazia com que muitos ficassem doentes e morressem. A partir da necessidade de evitar prejuízo com a morte de escravos, durante a primeira década do século XIX foi construído o primeiro trapiche em Jaraguá. Documentos comprovam que o proprietário e solicitante foi o português José Antônio Aguiar (ALTAVILA, 1988; ATAÍDE, 2015).

Segundo Ataíde (2015) o primeiro armazém construído no bairro também foi nomeado de “Jaraguá”. Ainda sobre acontecimentos marcantes para o bairro, a construção da ponte que fez a ligação entre o centro de Maceió e o bairro contribuiu para sua consolidação como um importante entreposto comercial. A partir desse momento, foi possível observar um grande aumento da quantidade desses armazéns, também

chamados, em continuidade com suas passarelas, de trapiches. Estima-se que, após vinte anos da construção da ponte, o bairro passou a contar com vários desses armazéns, que tinham a finalidade de facilitar o transporte das mercadorias importadas e exportadas até as embarcações. Essas estruturas, durante muito tempo, marcaram o perfil da paisagem local, como é possível observar na figura 1.

Figura 1 – Trapiches, Jaraguá, Maceió – AL, 1931.



FONTE: Ehrlich Falcão, 2018.

Figura 2 – Trapiche Jaraguá, situado na Rua Sá e Albuquerque, Jaraguá, Maceió – AL.



FONTE: o autor, 2019.

Ataíde (2015) menciona outros trapiches importantes como: os trapiches Phullman e Great Western, pertencentes à rede ferroviária; o Trapiche Segundo, o Trapiche Faustino, dentre outros. O trapiche Novo foi construído por volta de 1896 (DANTAS, TENÓRIO e MENEZES, 2011). Por conta do seu tamanho, logo se destacou entre os existentes, tendo em vista sua capacidade de estocagem. Diferentes historiadores ressaltam a importância patrimonial e histórica, dos trapiches, por possuírem em suas fachadas traços de vários estilos arquitetônicos.

Como é possível observar na figura 2, a fachada da edificação do trapiche Jaraguá sofreu várias intervenções de pichação e de grafites. Atualmente o prédio não possui cobertura (telhado) e sua estrutura é composta apenas por suas elevações exteriores. A fachada, ainda que deteriorada, compõe a paisagem arquitetônica e histórica do local dando relevo a uma das mais importantes edificações do bairro. Até o momento, constatou-se que o prédio teve um grande papel para o desenvolvimento econômico e que hoje possui um valor histórico e identitário para os usuários e moradores, apesar do seu abandono tentar expressar o contrário. Desde o ano de 1940, com a construção e a inauguração do cais do porto, os trapiches ou passarelas perderam sua função e, em pouco tempo, foram demolidos e desapareceram da paisagem, restando apenas a arquitetura dos antigos armazéns (SANTOS, 1986).

3.3 Praça Dois Leões

A Praça atualmente conhecida como “Praça Dois Leões” já teve vários nomes ao longo da sua história, tais como: Jardim de Jaraguá, Praça do Consulado, Praça da Recebedoria e Praça Wanderley de Mendonça (ALTAVILA,1988; ATAÍDE, 2015). Conforme Pedrosa (1998) e Ataíde (2015), essa praça foi cenário, durante muitos anos, dos passeios das famílias tradicionais maceioenses que residiam nas proximidades do bairro. Ainda segundo os autores, foi, provavelmente, devido à importância conferida por seus usuários, que essa obra se tornou um dos cartões postais do bairro de Jaraguá.

O Jardim de Jaraguá, como originalmente foi concebido, data de 1869, com a solicitação do presidente da província José Bento Figueredo Júnior. Teve como executor da obra o engenheiro Frederico Mery. O jardim foi pensado de forma a garantir o lazer dos moradores locais e dos visitantes que desembarcavam no porto. A solicitação

realizada pelo presidente da província considerava que o projeto deveria contemplar o espaço com uma área verde, bancos e uma fonte central.

A inauguração do jardim aconteceu em 20 de dezembro de 1869. A justificativa dada pelo presidente para sua execução foi a de que para “além do pequeno jardim do Palacete, não havia outro ponto que servisse de refrigério e recreio à população” (PINTO, 2015). O presidente ainda declarou que os viajantes, ao desembarcarem, ficariam impressionados ao se depararem com uma praça de estilo moderno. De fato, existia a necessidade desse espaço público, o que pode ser compreendido diante da notoriedade e da importância que a praça ganhou logo após sua inauguração. Outro aspecto que corroborou sua relevância foi o prolongamento da linha férrea até sua proximidade (PINTO, 2015). Registros mostram que durante a década de 1870, o Jardim tinha horário de funcionamento determinado pela intendência. Os horários de uso e de visitação eram de segunda a sábado, das 15:00 às 18:00 horas e aos domingos, das 06:00 às 18:00 horas (PINTO, 2015).

Figura 3 – Praça Dois Leões, Jaraguá, 1922.



FONTE: Débora Lucena de Ataíde, 2015.

Décadas depois, no ano de 1905, o Jardim de Jaraguá encontrava-se descuidado e deteriorado, de acordo com o relatório do Dr. Manoel Sampaio Marques. O abandono serviu como justificativa para sua demolição e construção da Praça Wanderley de Mendonça em homenagem ao antigo intendente da cidade de Maceió (PINTO, 2015). A

atual Praça Dois Leões sofreu, portanto, uma intervenção radical, deflagrando na sua total demolição. O autor do novo projeto foi Rosalvo Ribeiro e, como havia recém-chegado da Europa, o projeto ganhou traços geométricos e simétricos, típicos de jardins franceses. Além dos detalhes de paisagismo e da forma, o autor solicitou a compra de duas estátuas (de um leão e de um tigre) em bronze. Alega-se que a obra durou mais de 16 anos devido à estrutura implementada e também devido à demora da chegada das esculturas (PINTO, 2015).

Figura 4 – Praça Dois Leões, Jaraguá, Maceió- AL.



FONTE: o autor, 2019.

A reinauguração da praça aconteceu em 1922, como forma de comemoração ao centenário de independência do Brasil. A comunidade, ao longo do tempo, passou a reconhecer essa praça como Praça Dois Leões, tornando-se esse o seu nome oficial (PINTO, 2015). Após visita técnica realizada, foi possível constatar que o desenho francês ainda é predominante na praça. A obra ainda mantém seu traçado simétrico, seu espelho d'água central, suas luminárias e esculturas, como mostra a figura 4. A figura 3 exibe o resultado final inaugurado em 1922.

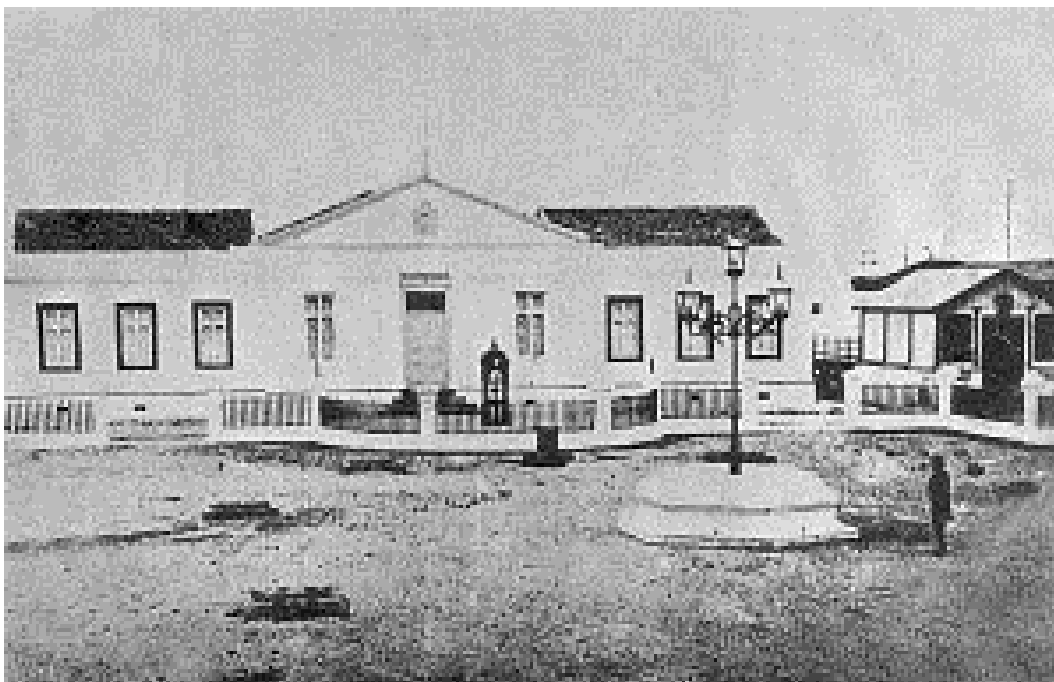
3.4 Museu da Imagem e do Som de Alagoas - MISA

O prédio que atualmente abriga o Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA) foi construído com a finalidade de servir como Consulado Provincial (LÔBO, 2016). Esse

autor revela que, apesar do prédio ter recebido o nome de “consulado”, nunca houve atividade diplomática naquele espaço. Na realidade, o edifício tinha a finalidade de arrecadar impostos. O prédio figurou como consulado de 07 de setembro de 1870 até o ano de 1889. Apenas no século XX, após a Proclamação da República, a edificação passou a ter a função de Recebedoria Central do Estado (LÔBO, 2016).

No ano de 1917 foi adicionado um pavimento superior em sua parte central, modificando sua fachada e conferindo-lhe características de uma arquitetura eclética. Durante cinco anos, equivalentes à gestão do governador Osman Loureiro, de 1934 a 1939, o edifício passou a servir como espaço da guarda – local similar a uma delegacia. O uso do prédio para essa finalidade contribuiu para a sua degradação (LÔBO, 2016). Já durante a década de 1960, o prédio funcionou como delegacia. Na década de 1970 o prédio encontrava-se deteriorado e passou a servir como depósito de documentos. Em 1981 foi cedido ao Museu da Imagem e do Som de Alagoas. Contudo, a inauguração oficial aconteceu somente após sua reforma em 6 de março de 1987 (LÔBO, 2016). No ano de 1999 o prédio foi uma das edificações selecionadas para ser beneficiada pelo projeto de reforma/restauro do bairro.

Figura 5 – Consulado Provincial de Alagoas, fachada original, Jaraguá – AL



FONTE: Edberto Ticianeli Pinto, 2015.

A obra foi entregue no ano de 2000 e buscou preservar a cor rosa e os elementos ornamentais da fachada (LÔBO, 2016). A edificação passou por desgastes desde então, devido à falta de manutenção, o que levou à suspensão do seu funcionamento. A partir de recursos da Caixa Econômica Federal em 2010, após passar por uma nova reforma e reparos, o Museu foi reaberto ao público.

Figura 6 – Museu da Imagem e do Som de Alagoas - MISA, Jaraguá, Maceió- AL.



Fonte: o autor, 2019.

O MISA tem papel importante para a comunidade e para a preservação cultural. A instituição conta com um acervo próprio e permanente e esporadicamente recebe outras exposições (LÔBO, 2016). Até o momento, o levantamento bibliográfico/documental conseguiu encontrar apenas um único registro fotográfico do prédio na sua configuração original, antes da adição do pavimento superior (ver figura 5). A imagem 6 mostra como essa edificação encontra-se atualmente.

3.5 Algumas considerações

A partir do estudo foi possível realizar uma análise e revisão histórica do bairro e de cada uma das três edificações investigadas. Também foi possível analisar as interferências e as modificações sofridas por elas ao longo do tempo, bem como constatar a relação que as mesmas constituíram com o entorno. Além desses aspectos, o estudo observou a

contribuição que os Trapiches, a Praça Dois Leões e o MISA desempenharam em prol do desenvolvimento do bairro de Jaraguá e da cidade de Maceió-AL.

Por ocasião da visita técnica realizada ao Trapiche Jaraguá, constatou-se a integridade de parte da estrutura de sua arquitetura. Com base na literatura, foi possível compreender que a permanência e a manutenção das fachadas desse prédio aconteceram devido a dois fatores importantes. O primeiro correspondente à transformação do uso da edificação ao longo do tempo; o segundo, devido ao Plano Diretor da cidade de Maceió conferir ao bairro proteção, por classificá-lo como Zona de Preservação (ZEP01). Já a Praça Dois Leões resistiu ao tempo por conseguir manter uma relação histórica e afetiva com a comunidade, também pela proteção concedida pelo Plano Diretor do município. Atualmente, poucas pessoas frequentam esse espaço. Durante o dia, moradores de rua, flanelinhas (guardadores de carro) e pessoas que transitam pelo local utilizam-na. Mesmo com um número menor de usuários, a praça é responsável pela manutenção da paisagem histórica local, afirmando a importância de sua preservação. Por sua vez, o Museu da Imagem e do Som de Alagoas conseguiu resistir ao tempo por atender a diversos outros usos. O prédio, que fica localizado em frente à Praça Dois Leões, consegue estabelecer uma ligação com a mesma, criando uma atmosfera e um cenário que, muitas vezes, remete ao século passado. Seu estado de conservação se deve também ao fato de estar inserido na Zona de Preservação 01 (ZEP01) do plano diretor do Município e por ter sido um dos prédios que foram restaurados pelo projeto de revitalização realizado na década de 1990. Além da memória afetiva, a obra contribui ativamente com a cultura local, graças ao seu rico acervo e exposições, que sempre são abertos ao público.

Nesse contexto, devemos ressaltar a importância histórica, social, econômica e cultural das três obras analisadas para a memória, identidade e paisagem do bairro do Jaraguá em Alagoas. Para além disso, reforçamos a relevância desse bairro para a formação da cidade de Maceió e para o entendimento dos processos de deterioração dos centros históricos. Essa questão demanda maior aprofundamento, a fim de uma compreensão sensível acerca das imagens e imaginários que têm povoado o bairro do Jaraguá.

O Arquiteto, diante de suas possibilidades, escreveu sua contextualização histórica sobre o Jaraguá. Ele realizou tal feito por meio de um modo de escrita tido como "científica padrão". No entanto, enquanto formos meras replicações nunca avançaremos, não custa lembrar que a história escrita dessa forma "[...] é apenas um outro texto em uma procissão de textos e não uma garantia de qualquer significação singular" (COHEN, 2000, p.25). Muitas escolas de Arquitetura e Urbanismo buscam por "equilíbrio". Talvez por essa razão trabalhem muito os conceitos de simetria ou de simétrico, e talvez por esse motivo, muitos dos novos arquitetos sejam verdadeiros reflexos de seus mentores. Reflexos que me remetem a imagem de uma sala cheia de espelhos que replicam sua própria imagem infinitas vezes, além de também me remeterem a uma pista de corrida com forma circular, por meio da qual, por mais que se caminhe o fim sempre será a origem. Porém, a seguir iremos nos deparar com o ponto de cisão que transmutou um arquiteto replicado em uma alquimista singular.

A ALQUIMISTA



Fonte: o autor, 2020

4 A ALQUIMISTA³

A Alquimista tem uma missão: transformar metais não preciosos em ouro, ou seja, realizar uma transmutação. Esta pesquisa parte da necessidade de construir ressignificações, pois entende que apenas dessa forma será capaz de ajudar a produzir outras formas de conhecer o espaço, dar outras visibilidades às relações de poder que constituem os espaços e os sujeitos a eles correlatos. Mas como a Alquimista será capaz de concretizar tal feito? Como ela conseguirá transmutar os significados atribuídos ao local? Como ela poderá ser capaz de enxergar esses significados? Quais serão os processos que podem envolver o fazer da alquimista? Quais são seus segredos? Quais serão os elementos, artefatos e procedimentos utilizados? De que fórmulas e formulações ela será capaz? Haverá fórmulas ou formulações?

“Incertezas”, acredito que essa seja uma palavra muito rechaçada, afinal qual é o problema de não ter certeza sobre algo? Nos dias atuais, grande maioria dos jovens e até dos adultos pensam deter ou possuir certeza absoluta sobre muitos assuntos, isso sim, enxergo como problema. Já tendo sido atravessada pelas disciplinas de mestrado a Alquimista consistia, naquele momento, em um grande poço de incertezas, mas isso não a amedrontou, pelo contrário, a estimulou a buscar por suas respostas, pois entendia que as conclusões que lhes eram dadas não eram verdadeiramente suas, afinal não haviam sido vividas, sentidas ou atravessadas por ela mesma.

A Alquimista crê que pode transmutar o mundo. Ela tem a mania de anotar tudo o que vê, pois pensa que sua memória não é suficiente para guardar todas as suas experiências e experimentos. Por isso, ela é sempre vista com seu livro de anotações misterioso, com folhas, pedaços de papel, canetas e vários lápis. Quem a observa tende sempre a se questionar: o que haveria dentro daquele livro? O que tanto ela escreve? De que tratariam aquelas anotações?

Até que, certo dia, buscando por mais organização, a Alquimista pede para que seu precioso livro seja digitalizado. Então, tudo o que escrevera foi revelado. A primeira página continha o desenho de uma tabela. Como um desenho místico, tratava-se da descrição de um ritual praticado por ela. Ele servia como pistas para que se alcançasse o

³ Apesar do entendimento de que neste capítulo seja realizada uma alquimia, o autor optou por manter o título do capítulo como “A Alquimista” por assim se assumir durante sua escrita. Este capítulo encontra-se publicado no periódico 5% Arquitetura + Arte (VASCONCELOS e FIORIN, 2020b).

4.2 ANOTAÇÃO 01: O TRATAMENTO DOS DADOS

Há muitos e muitos anos, venho pesquisando um meio de alcançar uma transmutação. Porém, não tive êxito. No máximo, consegui observar os metais de diferentes ângulos e com diferentes níveis de aprofundamento. Então, decidi fazer tudo diferente, pois analisar as suas características físicas, químicas e todos os outros infinitos números não foi capaz sequer de me aproximar do Ouro. Foi aí que percebi que os números apenas me trariam mais números e esses a mais números. Abandonei os números, o positivismo e a perspectiva de que não poderia "contaminar" a pesquisa. Perguntei-me como iria passar a tratar meus dados a partir desse momento. Busquei escritos nas mais diversas bibliotecas, até que encontrei um livro considerado "revolucionário". Através dele descobri a possibilidade de realizar meu tratamento dos dados de forma **qualitativa**.

Com base no livro organizado por Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira, intitulado "Métodos de Pesquisa", pude compreender que a abordagem qualitativa não se preocupa a comprovação daquilo que está sendo analisado/investigado. Para esse tipo de abordagem o que realmente importa é **qualidade** do estudo, da análise e da pesquisa e não dos seus possíveis números, equações e resultados. De acordo com Goldenberg (apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009), quem assume a abordagem qualitativa se opõe e se recusa ao modelo positivista para a realização de estudos voltados à vida e às relações sociais, por não conseguir responder às necessidades distintas desse tipo de pesquisa, pressupondo o desenvolvimento de uma metodologia própria. Desse modo, ao assumir os métodos qualitativos, a pesquisa **não busca comprovar** algo, pois não convém quantificar valores e trocas simbólicas diante de dados não-numéricos derivados de suscitações e de interações. Também não convém comprovar algo, devido à possibilidade de os dados serem encontrados por meio de diferentes abordagens (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Deslauriers (apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009) explica que, na abordagem qualitativa, o pesquisador não se coloca distante do objeto a ser estudado. Na prática, passa a ser sujeito e objeto da investigação. A pesquisa torna-se imprevisível, diante das múltiplas possibilidades que são encontradas ao longo do processo. O pesquisador assume que seu conhecimento sobre o objeto e os sujeitos são parciais e limitados. Dessa forma, o objetivo de uma pesquisa qualitativa é produzir informações aprofundadas e ilustrativas, importando apenas que seja capaz de gerar novos conhecimentos e informações (DESLAURIERS apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Preocupando-se, portanto, com a compreensão da dinâmica das relações sociais e com aspectos que não podem ser quantificados. Segundo Minayo (2001, p.21), “[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

4.3 ANOTAÇÃO 02: O SUPORTE DE REGISTRO

Meu suporte de registro compreende os dispositivos que utilizei para registrar o processo que me propus a acompanhar. Diante das minhas possibilidades, cheguei ao entendimento que a melhor forma de guardar essas informações, esses vestígios, essas pistas, esses momentos, essas paisagens, essas relações e esses movimentos seria através de fotografias, gravações em áudio, gravações em vídeo e de um diário de campo.

A princípio, me peguei reflexiva por não possuir uma câmera profissional, nem um gravador de voz apropriado. Porém, cheguei à conclusão de que esse nível de exigência não iria comprometer a qualidade da minha pesquisa, pois as relações a serem desenvolvidas não se constituiriam em função de uma determinada câmera ou gravador e sim por meio do quanto eu conseguiria me abrir, atravessar e ser atravessada pelo processo. Então todas as fotografias e gravações audiovisuais foram realizadas através das lentes e microfones do meu celular.

O diário de campo, segundo Falkembach (apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009), consiste em um meio de registro, que pode ser um caderno ou folhas com espaço suficiente para a anotação de comentários, frases, pensamentos, desenhos e/ou reflexões, para uso da pesquisa. Nesse caderno ou folha de papel são anotadas todas as observações/percepções, concretas ou não, dos fenômenos sociais, acontecimentos, relações, experiências pessoais percebidos/vivenciados pelos pesquisadores. O diário de campo proporciona a criação do hábito de escrever e de observar com atenção o que foi vivido e acompanhado. Para Falkembach (apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009), o diário de campo também representa o detalhamento descritivo e pessoal sobre os interlocutores, grupos e ambientes estudados. Devido a suas características, ele pode ser considerado uma ferramenta/instrumento de interpretação, entendendo que, já no momento do desenvolvimento do diário de campo, é possível realizar anotações interpretativas e analíticas (POLIT e HUNGLER apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Com base nas possibilidades proporcionadas pelo suporte de registro através de diários de campo, senti-me mais segura e livre para registrar meus pensamentos, minhas percepções, meu dia-a-dia no campo e tudo o que vi e que vivi. Senti-me confiante, pois entendi que tudo o que eu vivi e intervi, de alguma maneira, serviria para alcançar uma certa transmutação e o ouro.

4.4 ANOTAÇÃO 03: A RELAÇÃO COM A SOCIEDADE

Esta anotação refere-se a como o Ouro retornaria à sociedade. Tendo em vista que poderia considerar a pesquisa apenas como pura – que gera conhecimento estritamente de ordem teórica – ou aplicada – que, além de conhecimento teórico, gera conhecimento de ordem prática –, optei pela pesquisa do tipo aplicada, por ser ela mais aprofundada e por conseguir representar, de fato, o tipo de conhecimento que foi desenvolvido.

4.5 ANOTAÇÃO 04: O MÉTODO DE ABORDAGEM

A Cartografia

Como havia constatado, o positivismo científico e sua forma canônica de escrita, não seriam capazes de me aproximar do Ouro. Com vistas à transformação e à possibilidade de pesquisar de maneira diferente, encontrei no método da cartografia tudo o que eu buscava: possibilidades, aberturas, singularidades, pluralidades, caminhos, rizomas, atravessamentos, movimentos, representação, linguagem, expressão e muito mais. Como mostrarei a seguir, a cartografia amplia infinitamente as possibilidades e os rumos do pesquisar.

As anotações que farei a partir desse momento, foram depreendidas a partir do livro "Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade", organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia e do precioso escrito de Suely Rolnik "Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo". Esses lampejos e recortes serviram como pistas para o desenvolvimento da minha pesquisa, mas friso que não foram seguidos como regras ou como equações metodológicas. Após ter mergulhado nas leituras, encontrei diversas pistas para a realização de estudos como o que me propus. No entanto, selecionei três pistas para me guiar no desenvolvimento da minha cartografia. As pistas seguidas foram: a cartografia como pesquisa/análise-intervenção, a cartografia como método de acompanhar processos e a cartografia como política de uma narratividade.

Começarei pela primeira pista com base em Passos e Barros (2009a), que a cartografia pode ser adotada como método de pesquisa/análise-intervenção. Todavia, apesar do método cartográfico não ser constituído por regras predefinidas a serem seguidas ou por objetivos pré-estabelecidos, esses fatos não são suficientes para entendê-lo como uma ação sem direção ou sem rumo. Mesmo que a cartografia modifique o sentido tradicional de método, ela não é realizada sem orientação, sem as pistas necessárias para a realização do percurso e da pesquisa. A

compreensão da cartografia como pesquisa/análise-intervenção fica mais clara quando percebemos que é impossível separarmos o conhecer do fazer, o pesquisar do intervir. Nesse sentido, Passos e Barros (2009a) apontam que devemos não apenas nos aproximarmos dos objetos que investigamos, mas nos tornarmos parte deles. Afirmam a importância de não realizarmos análises e conclusões sobre nossos objetos, nos cabendo, como cartógrafos, apenas acompanharmos seus processos e efeitos, como corrobora a citação abaixo:

"[...]toda pesquisa é intervenção. Mas, se assim afirmamos, precisamos ainda dar outro passo, pois a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência - o que podemos designar como plano da experiência. A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação" (PASSOS e BARROS, 2009a, p.17, grifos meus).

Passos e Barros (2009a) consideram que objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar. Desse modo, entendem que a pesquisa cartográfica não pode se apoiar no que já se sabe, mas, sim, em um saber que vem e surge do fazer, que propõe transformar para conhecer e nega o conhecer para transformar. Por isso, a importância da experiência como intervenção (PASSOS e BARROS, 2009a). Esses mesmos autores afirmam que René Lourau e Felix Guattari, ambos postuladores da cartografia, compartilhavam o posicionamento da intervenção/ação como método.

Lourau afirmava que o campo de análise se diferencia, porém não se separa do campo da intervenção. Para tanto, o sistema de referencial teórico torna-se operatório em pesquisas/análise-intervenção, sendo sempre necessário ser encarnado em situações sociais concretas (PASSOS e BARROS, 2009a). Logo, é possível entender que a análise não pode ser

realizada distante da experiência, uma vez que tudo e todos estão relacionados nessa perspectiva.

“É essa constatação que força o institucionalismo a colocar em questão os ideais de objetividade, neutralidade, imparcialidade do conhecimento. Todo conhecimento se produz em um campo de implicações cruzadas, estando necessariamente determinado neste jogo de forças: valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças, etc” (PASSOS e BARROS, 2009a, p.19, grifos meus).

A pesquisa/análise-intervenção busca dar luz aos processos, ao que ocorre, ao que se constitui nas relações sociais e a tudo que possui potência (PASSOS E BARROS, 2009a). Tal tipo de pesquisa desconstrói a noção de campo, uma vez que modifica seus limites e suas configurações (PASSOS e BARROS, 2009a). Lourau (apud PASSOS e BARROS, 2009a) define “campo de intervenção” conforme sua metaestabilidade, ou seja, de acordo com as oposições que nele se apresentam sujeito e objeto, local e global, indivíduo e grupo. Estas oposições Lourau (apud PASSOS e BARROS, 2009a) denominou de dinâmicas transductivas ou dinâmicas de devir, que segundo o autor “potencializam resistências atuais e atualizam existências potenciais” (LOURAU apud PASSOS e BARROS, 2009a). Com o desenvolvimento desse conceito, Lourau transforma e reajusta o pensamento sobre como realizar análises sobre conceitos já instituídos. Passos e Barros (2009a) constataam que é a partir desse momento que o conceito de “implicação” passa a ser revisto, diante do conceito de “transducção”, o que acabou por radicalizar a crítica à neutralidade e ao objetivismo científico.

“Não há neutralidade do conhecimento, pois toda pesquisa intervém sobre a realidade mais do que apenas a representa ou constata em um discurso cioso das evidências. No processo de produção de conhecimento, há que se colocar em análise os atravessamentos que compõem um “campo” de pesquisa. Estas forças que se atravessam foram inicialmente designadas pelo institucionalismo de transferência e contratransferência

institucionais, sendo em seguida pensadas como implicações”
(PASSOS e BARROS, 2009a, p. 21, grifos meus).

Ao adotar a cartografia como uma pesquisa/análise-intervenção, saliento que *x observador* estará sempre *ligado* ao campo de observação, e que a intervenção sempre modificará não apenas o objeto investigado. Isso me permitiu compreender que a intervenção não acontece em um único sentido. Na realidade, é a partir do entendimento que todos são implicados, afetados e atravessados pela intervenção – observador, objetos, sujeitos, etc. – que passei a enxergar mais claramente o conceito de dinâmica transductiva.

“É essa ampliação dos sentidos da intervenção que vai aumentando quando se considera agora uma dinâmica transductiva a partir da qual as existências se atualizam, as instituições se organizam e as formas de resistência se impõem contra os regimes de assujeitamento e as paralisias sintomáticas”
(PASSOS e BARROS, 2009a, p.21, grifos meus).

Chegar ao Ouro, ou seja, ao conhecimento, implica em criar uma nova realidade do observador, do objeto e do mundo. Essa ação também se constitui como um ato e/ou posicionamento político, portanto trata-se de intervir na realidade enquanto a mesma é pesquisada. Passos e Barros (2009a, p. 17) afirmam que “tal processo se dá por uma dinâmica de propagação da força potencial que certos fragmentos da realidade trazem consigo. Propagar é ampliar a força desses germens potenciais numa desestabilização do padrão”. Isso torna ainda mais evidente a importância de acompanhar processos por meio da imersão no plano da experiência, pois apenas quando se assume que o conhecimento sempre representa uma transformação da realidade é que a pesquisa pode ganhar complexidade e assim se tornar capaz de explorar os limites dos procedimentos metodológicos utilizados (PASSOS e BARROS, 2009a). Então, para minha pesquisa, conhecer o caminho será equivalente a “caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminhar, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção” (PASSOS e BARROS, 2009a, p.17).

“O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas. Restam sempre pistas metodológicas e a direção ético-política que avalia os efeitos da experiência (do conhecer, do pesquisar, do clinicar, etc.) para daí extrair os desvios necessários ao processo de criação” (PASSOS e BARROS, 2009a, p. 31, grifos meus).

A segunda pista que irei discutir, refere-se à cartografia como método de acompanhar processos. Ao acompanhar um processo, torna-se possível desenhar as redes e as conexões de forças às quais o objeto está ligado, possibilitando a compreensão do seu papel e do seu nível de influência e de participação no processo investigado (POZZANA e KASTRUP, 2009). Para que o processo seja acompanhado de modo livre, Pozzana e Kastrup (2009) afirmam que é necessário deixar-se levar pelo campo coletivo de forças. O objetivo do deixar-se levar é evitar a busca por informações, dados e comprovações, para que o foco recaia e seja direcionado na possibilidade de o cartógrafo abrir-se ao encontro com o novo. Como é possível compreender a partir de Rolnik (2007), o que se espera do cartógrafo é uma imersão nas intensidades para que seja dada voz aos “afetos que pedem passagem”. Colocar em prática a possibilidade de aceitar o devir ao acompanhar o processo, nem sempre é fácil, por exigir prática e por não poder ser aprendido através de livros (POZZANA e KASTRUP, 2009).

Pozzana e Kastrup (2009) alertam que a expressão “investigação de processos” possui dois sentidos diferentes. O primeiro sentido, ligado à teoria da informação, representa a pesquisa que é praticada como coleta e análise de informações, não sendo este o entendimento reconhecido pelo pesquisador cartógrafo. O processo para o cartógrafo é entendido como processualidade, sendo esse o coração da cartografia (POZZANA e KASTRUP, 2009). A pesquisa que tem como direção a investigação de processos, em sua maioria, já se trata de um processo em curso, assim sendo, o cartógrafo muitas vezes depara-se com a necessidade de começar pelo meio. Isso ocorre por vários motivos, dentre os quais, os

mais representativos são, pelo momento presente já carregar uma história e pelo território presente possuir uma espessura processual (POZZANA e KASTRUP, 2009) isso significa que:

“A espessura processual é tudo aquilo que impede que o território seja um meio ambiente composto de formas a serem representadas ou de informações a serem coletadas. Em outras palavras, o território espesso contrasta com o meio informacional raso” (POZZANA e KASTRUP, 2009, p. 59, grifos meus).

As pesquisas modernas, em geral, seguem uma mesma sequência de etapas – coleta, análise e discussão de dados. Esse modo representa uma série de momentos distintos e separados entre si, de modo que apenas quando se termina uma etapa se prossegue para a próxima. De modo contrário, a cartografia se constitui de etapas que podem ou não ser sequenciais, porém que não se separam (POZZANA e KASTRUP, 2009). Dessa forma, a cartografia pode ser entendida “como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes” (POZZANA e KASTRUP, 2009, p. 59).

A terceira pista que segui no desenvolvimento da minha cartografia refere-se à política da narratividade. Início com a seguinte frase: “Somente a expressão nos dá o procedimento” (DELEUZE e GUATTARI apud PASSOS e BARROS, 2009b). A escolha de uma determinada posição narrativa deve ser entendida como algo conectado às políticas que representam a pesquisa. Desse modo, não podemos abrir mão de uma linguagem própria e criativa (YÁZIGI, 2005) para nos fazer entender (PASSOS e BARROS, 2009b). É também por isso que eis aqui uma Alquimista. A política da narratividade se apresenta como uma posição tomada pelo pesquisador, frente ao mundo e a si mesmo, definindo sua forma de expressar o que acontece e o que percebe/enxerga em seu percurso (PASSOS e BARROS, 2009b), como diz Corazza (2012). Logo, a cartografia nos permite explorar outras formas de escrita, admitindo um sentido diferente para rigor metodológico – o que acaba por ampliar

nossas possibilidades de expressão, sem que haja um comprometimento do exercício crítico exigido por todas as pesquisas.

4.6 ANOTAÇÃO 05: A RELAÇÃO COM OS SUJEITOS

A partir da argumentação que desenvolvi anteriormente, é possível compreender que quem opta pelo método cartografia, além de realizar uma pesquisa/análise-intervenção, acaba por assumir um posicionamento político. Por isso, a partir desse momento, todas as escolhas adotadas tentaram considerar os possíveis impactos frente às intervenções que se constituíam em campo. Desse modo, a forma de relação com os sujeitos assumida e entendida como a mais apropriada foi a interacionista do tipo "rizomática", ou seja: aberta, difusa, indeterminada e não-hierárquica. A fim de tornar mais claro como se dá esse tipo de interação, irei explicar de onde emergiu o termo "rizomático" e esclarecer alguns de seus princípios. Também fundamentarei a perspectiva interacionista, justificando, ao mesmo tempo, a sua escolha e as minhas intenções ao assumi-la como forma de relacionamento com os sujeitos envolvidos na pesquisa.

O termo "rizoma", originalmente conceituado e adotado pelas ciências biológicas, foi apropriado por Deleuze e Guattari. Esses filósofos inspiradores do método da cartografia usaram o termo rizoma – que determina um certo tipo de raiz para a biologia – tomando partido de sua forma e de suas características profusas, imbricadas, que crescem sem direção definida. Com isso, ampliaram as possibilidades teóricas/científicas, que antes ficavam "aprisionadas" no modelo positivista de árvore (DELEUZE e GUATTARI, 2011a). O modelo rizomático é representado por linhas e não por formas, de modo a permitir que o que seja pesquisado/investigado/analísado possa "fugir, se esconder, confundir, sabotar, cortar caminho" (TRINDADE, 2013). Essas linhas denominadas por Deleuze e Guattari (2011a) como "linhas de fuga" representam linha de intensidades. São chamadas dessa forma por buscarem fugir de tentativas totalizantes. Desse modo, o modelo

rizomático apresenta-se como uma resistência ética, estética e política ao pensamento cartesiano, positivista e linear.

“Pesadelo do pensamento linear, o rizoma não se fecha sobre si, é aberto para experimentações, é sempre ultrapassado por outras linhas de intensidade que o atravessam. Como um mapa que se espalha em todas as direções, se abre e se fecha, pulsa, constrói e desconstrói. Cresce onde há espaço, floresce onde encontra possibilidades, cria seu ambiente” (TRINDADE, 2013, grifos meus).

O pensamento rizomático possibilita que as linhas sejam tortas, que elas se confundam e se alastrem, catalisando e multiplicando suas conexões, suas intensidades e suas potências, logo ampliando as chances de criação e de produção de novos sentidos. “A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo” (DELEUZE e GUATTARI, 2011a p. 28).

“Interacionismo” e “interacionista” têm como origem o termo “interação”, que significa a ação mútua entre os seres (GOULARTE, 2010). Esse entendimento me permitiu escolhê-la como forma de me relacionar com os sujeitos, por representar, a cartografia, uma forma diferente de relação/interação. Minha intenção ao assumir esse modo de relacionamento foi criar a possibilidade de todos os envolvidos na pesquisa/análise-intervenção ocuparem concomitantemente o papel principal e buscar permitir amplificar suas vozes.

4.7 ANOTAÇÃO 06: O CRITÉRIO ESPACIAL

Diante dos partidos e das posições assumidas, bem como do alinhamento e das afinidades conceituais, o critério espacial entendido como o mais adequado foi a **pesquisa de campo**. A pesquisa de campo desenvolve-se *in loco*, ou seja, onde a interação acontece, que para minha pesquisa, representa os espaços/lugares onde foram vividas e experienciadas a cartografia. Alguns autores definem pesquisa de campo como: “[...] investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de

diferentes tipos de pesquisa" (FONSECA, 2002); "O estudo de campo estuda um grupo de pessoas com a intenção de ressaltar a interação entre elas, [...] porém [...] não foca em dados estatísticos" (TYBEL, 2017); e "[...] tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação. Procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas" (GIL, 2008).

4.8 ANOTAÇÃO 07: A ABRANGÊNCIA

Após o estabelecimento da relação com a sociedade, o próximo passo foi determinar a abrangência do Ouro. Compreendi, então, que a transmutação pretendida se caracterizava por uma abrangência de ordem exploratória. Isso significa que o Ouro pretendido buscou gerar maior familiaridade entre a sociedade e a questão investigada. De acordo com Gil (2008), o tipo de abrangência exploratória pode fazer uso de recursos como levantamento bibliográficos, entrevistas com pessoas experientes ou envolvidas com o problema pesquisado, para proporcionar uma maior aproximação com a questão.

4.9 ANOTAÇÃO 08: OS PROCEDIMENTOS DE CAMPO

Adotei três tipos de procedimentos metodológicos ao longo do desenvolvimento da transmutação: o caminhar, a observação participante e os registros em diário de campo. A escolha desses três procedimentos foram fundamentais para a conquista do Ouro. Tais procedimentos me permitiram estabelecer conexões e entrecruzá-los, além de serem capazes de representar com fidelidade os posicionamentos assumidos para o desenvolvimento da pesquisa.

Registros em diário de campo: escrevendo sentimentos

Registrar, anotar, escrever, descrever, desenhar, expressar são verbos que certamente dizem respeito a esse procedimento metodológico. Como observado anteriormente, o diário de campo, além de ser um instrumento de registro, também pode ser entendido e representar um momento de análise. O diário de campo representou para mim o espaço onde a poesia do meu olhar pôde ser registrada. Os encontros, as danças,

os movimentos, as luzes puderam ser capturados, para além das lentes de uma câmera. Meus atravessamentos se transformaram em linguagens poéticas e foram expressados por meio de palavras e de croquis. Mas o que poderia ter sido objeto de registro, afinal?

Observação participante: um mergulho na vida

Esse procedimento metodológico foi interpretado como uma verdadeira imersão no objeto de estudo, na vida, na paisagem, no cotidiano e nas relações estabelecidas no espaço. Como já havia constatado a necessidade da vivência e da interação, entendi esse procedimento como apropriado na busca pela transmutação. Compreendi que quando podemos estar dentro, fora e principalmente entre podemos multiplicar as possibilidades de interpretações sobre o que podemos observar/vivenciar/investigar. Como será exposto a seguir, a observação participante transforma o pesquisador (alquimista!) em testemunha e coautor da observação.

“Defrontamos-nos em carne e osso com a realidade que queremos estudar. Devemos observar mais de perto os que a vivem e interagir com eles. Nessa expressão temos observação e participação. Temos então dois tipos de situações que se combinam: o pesquisador é testemunha (estamos na observação) e o pesquisador é co-autor (estamos na interação, na participação)”
(GERHARDT, 2009, p. 101, grifos meus).

A observação participante possibilita, por meio da escrita, descrevermos aquilo que foi vivenciado. Ao registrarmos nossa participação e nossa observação, podemos acessar novamente nossos sentimentos e atravessamentos. Esse tipo de procedimento também consegue levar à compreensão de questões subjetivas derivadas das relações sociais, das interações lógicas, das representações etc, por poder extrair seus dados e suas análises da experiência vivida (GERHARDT, 2009). Contudo, Fontana (2018) alerta que, para realizar uma observação participante de qualidade, o pesquisador precisa redobrar os cuidados e as atenções, pois não pode chegar em campo com preconceitos estabelecidos. Outro alerta importante volta-se à necessidade de se

manter o espírito atento e curioso, perspicaz e questionador. Esse procedimento também é pura alquimia, pois permite ao pesquisador o desenvolvimento de questões e de reflexões muito mais profundas. Mas como seria possível acessar o que seria observável?

O Caminhar: uma modalidade própria de percepção

No livro "Caminhar, uma filosofia" Frédéric Gros (2010) realiza uma linda reflexão quanto ao ato de caminhar, permitindo desenvolver conjecturas de onde pode ter surgido a busca pelo caminhar como prática estética. Ao longo dos capítulos, o autor vai contando a história de vários pensadores/filósofos, como Nietzsche, Kant, Rimbaud, Rousseau e Gandhi, que fizeram da caminhada um hábito. Mas, mais que isso, tornaram-na um meio para acessar seus pensamentos e corporificar suas filosofias. O caminhar vivido e encarnado trata-se da soma, da multiplicação, do resultado sinérgico, obtido da minha forma de andar e de perceber a cidade, desde "O Flâneur" de Walter Benjamin, até o "Caminhar e Parar", de Francesco Careri.

Walter Benjamin (2017), inicia o capítulo "O Flâneur" com citações, ao meu ver, poéticas. Acredito que não poderia introduzir, de maneira diferente, o que estaria por vir. Como poderia compor seu flâneur manifesto? Como conseguiria criá-lo diferente? Sou, como alquimista, incapaz de imaginar tudo isso de outro modo. A poesia capturada, vivida e sentida pelo flâneur me conquistou, me atravessou, transformou meu olhar e me possibilitou caminhar. Irei explicar a importância de "O Flâneur" em cada passo das minhas andanças e como ele foi capaz de trazer poesia ao meu olhar.

"O Flâneur" é um sujeito que busca a subversão. Para Benjamin (2017), subverter não era ir contra se opor ou confrontar, mas sim contornar até atravessar, deturpar até desvirtuar e distorcer até caminhar. O flâneur subverte quatro elementos: a solidão, a rapidez, o ocupacionismo e o consumo. A solidão, que para a maioria das pessoas pode ser considerada algo incomodo, triste ou pesado, é subvertida pelo

flâneur quando ele faz uso desse anonimato para se esconder, se dissolver no meio da multidão, dissimulando solidão em liberdade de ser ele mesmo. A velocidade é subvertida quando o flâneur se permite ser lento, se permite parar/desacelerar, a diminuir o passo para observar toda a beleza e captar tudo que o atravessa.

“Subversão do ocupacionismo. O flâneur resiste terminantemente ao produtivismo circundante, ao utilitarismo que o cerca. [...] Mas nem por isso ele se mantém inteiramente passivo. Não faz nada, mas está com todas as coisas encurraladas, observa, seu espírito conserva-se incessantemente atento. E agarrando no ar os choques e os encontros, ele não para de criar imagens poéticas. E se não houvesse um flâneur, cada qual seguiria seu próprio caminho, produziria sua própria sequência de fenômenos, sem que ninguém pudesse testemunhar daquilo que ocorre nos cruzamentos. O flâneur nota as faíscas, as aproximações, os encontros” (GROS, 2010, p. 180, grifos meus).

O flâneur subvertia o consumo devido a sua capacidade de não consumir e de não ser consumido pelo sistema. Nessa perspectiva ele sempre busca e se apropria de momentos, de encontros únicos, de instantes e de coincidências. Ele sempre captura no ar acontecimentos, a luz, os movimentos e as intensidades.

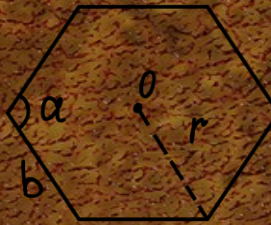
“Essa criatividade poética do caminhante se conserva, entretanto, ambígua: como dizia Walter Benjamin, ela é uma “fantasmagoria”. Ultrapassa a atrocidade das cidades para resgatar suas maravilhas passageiras, explora a poesia das coisas, mas sem se deter para denunciar a alienação do trabalho e das massas. Esse flâneur tem coisa melhor pra fazer: remitologizar a cidade, inventar novas divindades, explorar a superfície poética do espetáculo urbano” (GROS, 2010, p. 181, grifos meus).

Foi dessa forma que a poesia em meu olhar ganhou espaço, voz e liberdade. O Flâneur de Walter Benjamin conduziu-me a enxergar a subversão como forma de atravessar caminhos delicados e perigosos, dando-me a segurança de não ser percebida na multidão, de ir lenta ou até parar nos “cruzamentos”, de não consumir e nem ser consumida, de captar em vez de produzir. Em consonância com Benjamin (2017),

Careri (2017) também demonstra como a prática do caminhar é importante e pode ser adotada como modalidade para perceber as conformações urbanas contemporâneas.

No livro "Caminhar e Parar" (2017) foram reunidos escritos e artigos da trajetória do professor e pesquisador italiano Francesco Careri. Caminhar não significa aplicar um método, mas, antes, uma prática operativa. Nesse contexto, a ideia de deambulação das antigas vanguardas artísticas é somada aos termos náuticos para descrever as conformações urbanas contemporâneas, lidas pela imagem do arquipélago e os procedimentos ligados ao perambular. Assim, para além do sentido situacionista que o vocábulo "deriva" nos remete, passa a ser descrito como: "[...] uma palavra que carrega consigo a ideia surrealista do acaso e do navegar ao sabor das correntezas, como um veleiro que se move sem vento e sem mapa [...]" (CARERI, 2017).

De forma análoga, Careri (2017), destaca que, por mais que haja a necessidade de termos o ar libertário da deriva nos percursos que fazemos pela cidade, ou fora dela, devemos ter parcimônia no momento de parar, ou "ancorar"; sendo importante nos perguntarmos: onde "ancorar"? E, assim, termos em mente, como construir uma relação com o território sem que sejamos hostis. De algum modo, o conceito de deriva também significa estabelecer sentidos para uma "arte do encontro". Desta maneira, o caminhar como modalidade de percepção significa, não apenas navegar à deriva para poder cartografar a cidade e, assim compreender como se constrói, mas, fundamentalmente, implica ir ao encontro do Outro – lido aqui pela matriz foucaultiana; e, em última instância, buscar um encontro consigo mesmo e com o lugar, para assim produzir um devir-outro – aquele conhecimento precioso como ouro, que nunca se esgota, em uma leitura rizomática sobre o ser e estar no espaço.



$$du = -\frac{a \cos \varphi}{\sin^2 \varphi} d\varphi$$

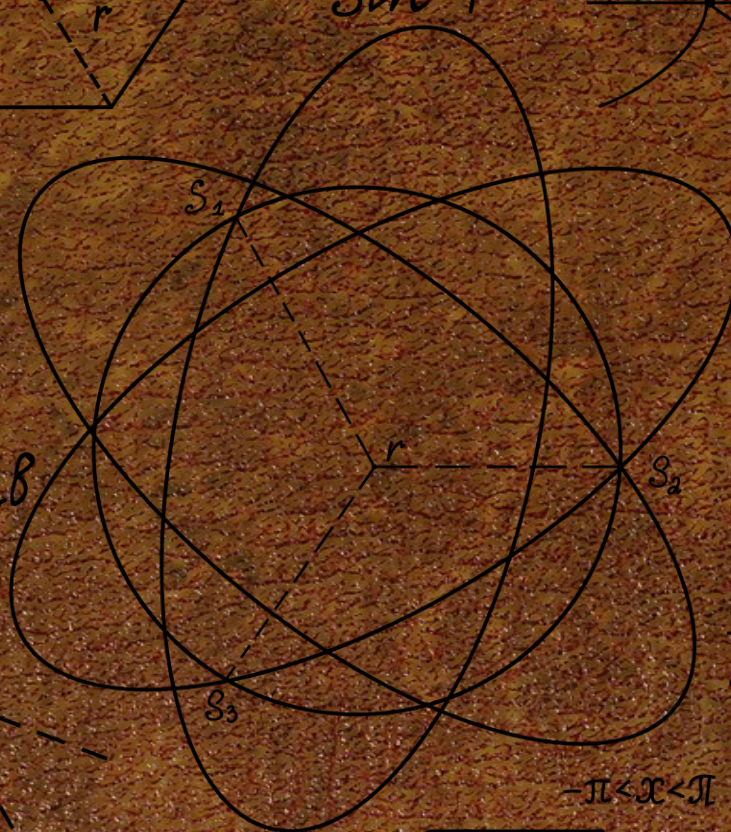
$$S = 2\pi ab$$

$$q = \frac{\partial^2 f}{\partial x \partial y} \quad (2x - 2y)$$

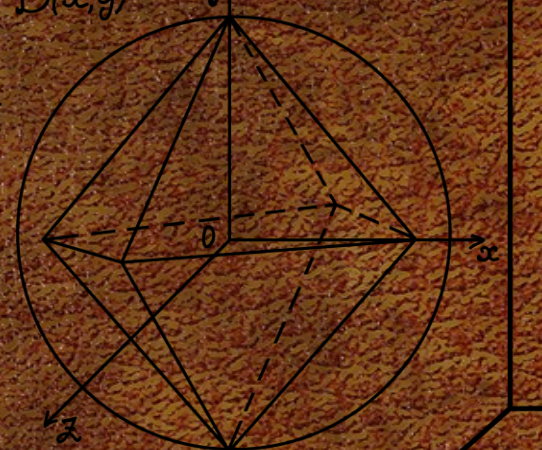
$$2x - 2y = 2(x - y)$$

$$\int u \, d\sqrt{u^2 - a^2}$$

$$y \uparrow S = 2\pi ab$$



$$\frac{D(p, q)}{D(x, y)} = \dots$$



x

$$x \sin \frac{x}{y} + y \cos \frac{x}{y}$$

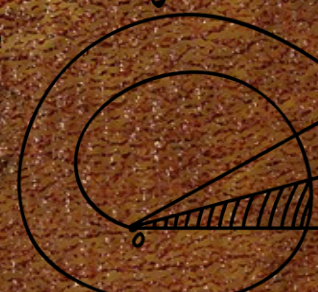
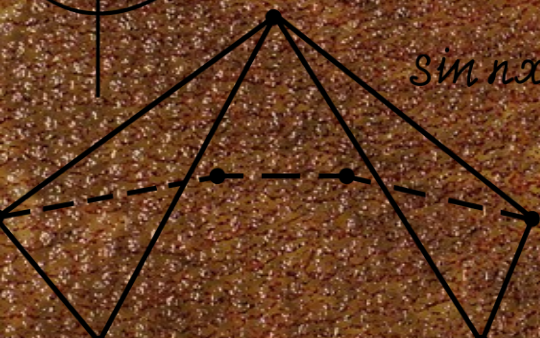


$$-\pi < x < \pi$$

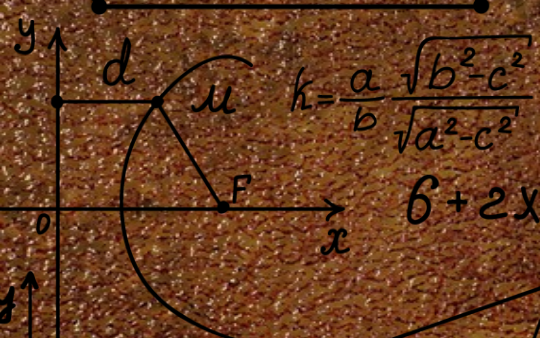
$$\sin nx$$

$$dx = \operatorname{tg} \alpha \cdot dt + \frac{\beta}{\cos^2 \alpha} da$$

$$\sqrt{u^2 - \beta^2}$$

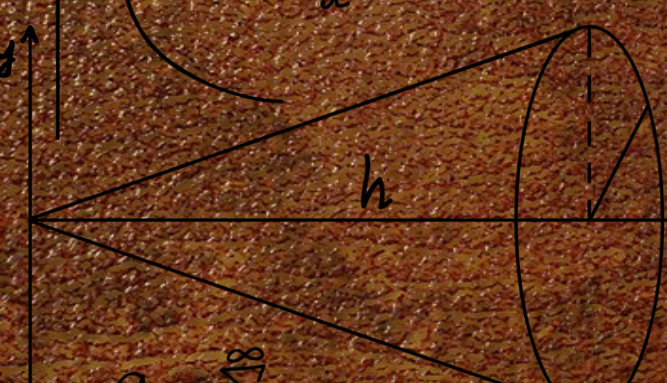
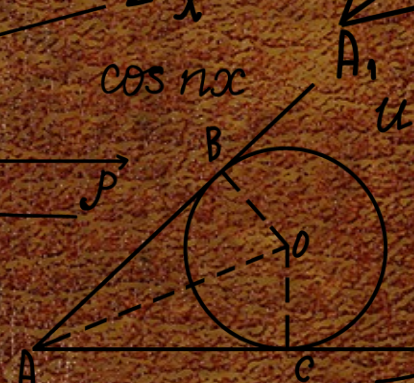


$$\cos nx$$



$$k = \frac{a \sqrt{b^2 - c^2}}{b \sqrt{a^2 - c^2}}$$

$$6 + 2x \Rightarrow 3x^2 + 24x - y^2 + 36 = 0$$



$$w'(z)$$

$$x$$

$$\iint d\xi d\eta = \sqrt{\frac{a^2 - c^2}{d}}$$

$$4\sqrt{u^2 - a^2}$$

$$\mu = \operatorname{arcsin}$$

$$\frac{\partial u}{\partial x} \cdot \frac{i \partial v}{\partial x} = \frac{\partial v}{\partial y} \cdot \frac{i \partial u}{\partial y}$$

$$f(x) \sim \frac{a_0}{2} + \sum_{n=1}^{\infty} a_n \cos nx + b_n \sin nx$$

O Livro Secreto da Alquimista continha essas oito anotações e inúmeras experiências. O tão sonhado Ouro (conhecimento) foi alcançado em muitos momentos, de acordo com seus relatos. Isso me encheu de esperança. Resolvi, então seguir seus passos, suas pistas – ao meu modo – mas segui. Caminhei livre, parei nas encruzilhadas, olhei para o céu, dancei ao som que me cercava. Não tenho certeza se fui muito longe, mas tenho convicção que... caminhei e assim me tornei um Monstro.

O MONSTRO

5 O MONSTRO

Diferente dos monstros das histórias de ficção, de romance e de terror encontrados em livros, filmes de Hollywood e, mais recentemente, em séries de TV e de *streamings*, aqui, nesta dissertação, volto a me definir provisoriamente. No entanto, não custa lembrar, que aqui também já fui outro arquiteto, uma alquimista, mas agora – AGORA – me identifico como Monstro. A seguir, de forma análoga a pegadas deixadas ao longo do caminho, apresento um fragmento do monstro que sou:

*"O corpo monstruoso é pura cultura. Um constructo e uma projeção, o monstro existe apenas para ser lido; o monstrum é, etimologicamente, "aquele que revela", "aquele que adverte", um glifo em busca de um hierofante. Como uma letra na página, o monstro significa algo diferente dele: é sempre um deslocamento; ele habita, sempre, o intervalo entre o momento da convulsão que o criou e o momento no qual ele é recebido — para nascer outra vez. Esses espaços epistemológicos entre os ossos do monstro constituem a conhecida fenda da *différance* de Derrida: um princípio de incerteza genética, a essência da vitalidade do monstro, a razão pela qual ele sempre se ergue da mesa de dissecação quando seus segredos estão para ser revelados e desaparece na noite"(COHEN, 2000, p.27, grifos meus).*

Sendo eu inexatidão, alguém indefinido, um instante prestes a nascer, mas que nunca chega a "existir" definitivamente e/ou por completo, posso quase tudo! Afinal, como seria possível me acorrentar/acorrentarem se eu nunca chego a consumir meu nascimento em uma coisa só? Como poderia/poderiam me amarrar/amarrarem/limitar/limitarem se nem sequer "existo" precisamente? Como me prender/prenderiam/deter/deteriam se não tenho forma estática? É precisamente por ser impossível quem quer que seja – inclusive eu mesmo – me acorrentar, amarrar, prender, deter, limitar e definir é que agora sou o MONSTRO.

No início do primeiro capítulo fiz uma breve reflexão sobre linguagem, com o objetivo de lhes preparar para o que vem sendo esta dissertação – ressignificações. Para realizar o meu próprio estudo sobre as dinâmicas socioespaciais de Jaraguá, revisitei a história do bairro e defini a metodologia mais adequada para esse fim. No entanto, alerta que a partir de agora, além da subversão dos significados canônicos, realizarei uma subversão do olhar ou da forma de enxergar tudo o que criamos, pois eu, como Monstro, sou capaz de

ver sensações, de ampliar pixels, de ver no negativo o que ainda não foi revelado de forma diferente. Minha visão não começa com a luz, mas sim, com a escuridão. Começo a enxergar a partir de reflexões – Cartas – e termino de compreender o fragmento vivido, visto e sentido por meio de arte – Mapas.

5.1 CARTAS E MAPAS

“Ouvi dizer”, “minha avó me contou”, “minha mãe me ensinou”, “li no jornal”, “vi na internet”, “aprendi na escola”, são expressões que se unem como uma colcha de retalhos para formar o entendimento do mundo, das coisas e de tudo que os humanos podem definir e compreender. Muitas vezes, esses conhecimentos/saberes, por mais que se amarrem uns aos outros, me pareciam sem muito sentido, quando isolados e “dissecados”. Após muitas ponderações cheguei ao entendimento que isso acontece, possivelmente, devido à diferença entre a velocidade da luz capturada pelos olhos (órgão) e a velocidade da linguagem capturada pelos olhos humanos (cérebro). Os olhos humanos enxergam infinitamente mais rápido do que a velocidade da luz (metáfora). Por exemplo, assim que olham para uma paisagem, vêem primeiro seus significados, pesam sobre ela, ou melhor, sobre cada elemento que a compõe – praia, coqueiros, areia, sol, nuvens etc – um valor e/ou uma função.

Como sou um monstro, vejo de forma diferente, não consigo ver através de certezas pré-definidas. Meus olhos monstruosos primeiro lançam e enviam ao meu processador milhares de interrogações para posteriormente conseguir encontrar sentimentos provisórios para cada ponto que constitui a imagem. Então, do escuro surgem cartas – interrogações/reflexões – que me permitem começar a enxergar, do meu modo, o bairro de Jaraguá e os atravessamentos que estão presentes em suas dimensões.

Meus mapas são continuações do meu olhar, são como pistas para que outros possam encontrar seu próprio sentido singular sobre o bairro. Para mim, mapas, são expressões artísticas, são sentimentos atravessados, são forças/potências, são coordenadas imprecisas que levam à possíveis Jaraguás coexistentes/coemergentes. Como havia dito na introdução desta dissertação,

me guio por lentes pós críticas, dessa forma, meus mapas compactuam com as ideias de Deleuze e Guattari.

"O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação" (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p.21, grifos meus).

5.2 LEN-TESES, LENTES, LENTES-LENTAS-MOLECULARES-SEM-ÓRGÃOS

Figura 7 – Encruzilhadas



FONTE: o autor, 2020.

Encontros. Caminhos. Atravessamentos. Penetrações. Cursos. Ruas. Esquinas. Dobra. Dobras. Becos. Beco das Putas. Beco da Receita. Receita Federal. Rua Sá e Albuquerque. Rua Comendador Leão. Praça Rayol.

Figura 8 – Jardim na Gen



FONTE: o autor, 2020.

Árvore. Raiz. Rizoma. Molecular. Fluido. Vivo. Verde. Vento. Céu. Mar. Folhas. Galhos. Grama. Flores. Frutos. Praça Dois Leões. Memorial da Independência. Fim da linha. Fundos da nova estação de trem de Jaraguá. Canteiros do Riacho Salgadinho. Praça Marcílio Dias. Coreto de Jaraguá. Igreja Mãe do Povo.

Figura 9 – Axé



FONTE: o autor, 2020.

Axé. Batuques. Tambores. Pandeiros. Cuícas. Ganzás. Gonguês. Taróis. Afoxés. Batuques. Afrocaetés. Vibrações. Batidas. Ritmo. Pulsar. Pulsar pessoas. Pulam Pessoas, crianças, jovens, adultos, idosos, héteros, héteras, LGBTQIA+, brancos, pretos, pardos, amarelos e vermelhos. Pré-carnaval de rua de Jaraguá. Rua Sá e Albuquerque. Museu da imagem e do Som de Alagoas.

Figura 10 – Balança



FONTE: o autor, 2020.

Centro Pesqueiro. Galpões. Estacionamento. Nova balança de pescados. Vazio. Silêncio. Às moscas. Cheiro de mar. Cheiro de Peixe. Vendedores de Pescados. Marisqueiras. Tratadores de pescados. Pescadores. Antiga "favela" de Jaraguá. Vila dos Pescadores. Praça dezoito de Copacabana. Estátua da liberdade. Novo Centro Pesqueiro.

Figura 11 – Balanço



FONTE: o autor, 2020.

Praia da avenida. Mar de Jaraguá. Cais do porto. Barco. Carroça. Rede de pesca. Garças. Peixes. Pessoas. Pescadores. Areia, grama, céu e mar. O som das ondas batendo. O cheiro de maresia no ar. Praia da Avenida do lado oposto ao estacionamento de Jaraguá

Figura 12 – Língua Gen



FONTE: o autor, 2020.

Muros. Paredes. Fachadas. Prédios. Rua lateral da Igreja de Nossa Senhora Mãe do Povo. Trapiche Jaraguá. Trapiche Segundo. Olhos. Letras. Palavras. Grafites. Pixos. Expressões. Linguagem.

Figura 13 – Outras peles



FONTE: o autor, 2020.

Rebocos. Cascas. Tijolos. Arcos. Bandeiras. Cimalhas. Eiras. Beiras. Contornos. Colunas. Fachadas. Neocolonial. Neogreco-romana. Ecléticas. Muitos estilos. Mas esse não é o foco. Boate Arena. Armazém Usina. Trapiche Segundo. Casarão sem número na Rua Sá e Albuquerque.

Figura 14 – Só à vista



FONTE: o autor, 2020.

Beco das Putas. Café do Porto. Lanchonete Caldilar. Fotografias. Matérias de jornais. Cadeiras de plástico. Portas de rolo amarelas. Espelho oval. Telefone público. Homens. Homens atendentes. Homem patriarca. Homem patrão. Homens lanchando.

Figura 15 – Cristais



FONTE: o autor, 2020.

Vidros. Vasos. Terrários. Mudas. Plantas. Flores. Orquídeas. Árvores. Estantes. Luzes. Luz. Vida. Verde. Quintal. Entre os encontros, atravessamentos e penetrações encontrei um Kubo com "K".

Figura 16 – Feito à mão



FONTE: o autor, 2020.

Barro. Argila. Vasos. Potes. Baús. Esculturas. Enfeites. Decorações. Espírito Santo. Santos. Santas. Quadros. Molduras. "Tudo feito à mão", disse o proprietário.

Figura 17 – Borracha



FONTE: o autor, 2020.

Gritos. Choro. Correria. Tensão. Mulheres. Crianças. Homens. Idosos. Memórias. Lembranças. Nostalgia. Emoções. Afetos. Demolição da antiga balança de peixes de Jaraguá.

Hiato Salgadinho Figura 18 – Hiato Salgadinho



FONTE: o autor, 2020.

Água. Correnteza. Fluxo. Riacho. Árvores. Esgoto. Lixo. Reflexos. Margens. Ponte. Riacho Salgadinho. Praia da Avenida. Avenida da Paz.

Figura 19 – Afrocaeté



FONTE: o autor, 2020.

Raízes. Culturas. Natividades. Ancestralidades. Crenças. Luz. Cores. Tambores.
Batidas. Misturas.

5.3 CARTA 01 – Senhora Maceió

Querida Maceió,

Sei que temos uma relação íntima e de longa data, por isso, lhe escrevo. Como você sabe, cresci entre seu intestino, coração, fígado, rins, mas nunca havia chegado a outros lugares mais ao sol, como olhos, boca e pele. Desde pequeno, corria entre seus becos, brincava no campo de terra batida do velho CoHab⁴ e, quando podia, pisava em suas areias brancas, mesmo me sentido deslocado. Essa sensação de deslocamento, sempre funcionou como uma sirene de alerta, me lembrando que eu havia nascido para cumprir determinada função. Contudo, tenho algo a lhe revelar: eu sofri uma mutação. Agora, sou um monstro, capaz de percorrer seu corpo e lhe atravessar em múltiplas coordenadas, planos, direções e intensidades.

Após passear por seu corpo, que também é minha casa, caminhando de dentro a fora e de fora a dentro, um lugar me chamou muito a atenção, os seus olhos. Acredito que você ainda não tenha se dado conta, porém, tenho que lhe alertar, sua visão parece estar comprometida. Você tem costumado olhar para uma parte de si de maneira, possivelmente, equivocada. Se ainda não entendeu o que estou querendo dizer, vou explicar melhor. Certa vez, um filósofo possibilitou refletir quanto ao conceito de "corpo sem órgãos". Ele conseguiu multiplicar o sentido de corpo quando disse que: *"O corpo sem órgãos é um corpo afetivo, intensivo, anarquista, que só comporta polos, zonas, limiares e gradientes. Uma poderosa vitalidade não-orgânica o atravessa"* (DELEUZE, 2011, p. 148).

Operar com esse conceito implica em abrir mão de um sentido único e predefinido para cada um de seus órgãos, ou seja, seus bairros. Significa que esse corpo-cidade, para seu funcionamento e interpretação, não é composto de órgãos-bairros inteligíveis a priori, nem seu número, nem a função de cada um deles é um dado natural, único e fixo. Através do conceito de corpo sem

⁴ Conjunto Habitacional Osman Loureiro, criado na década de 1980, no bairro Clima Bom, região periférica da cidade de Maceió.

órgãos e de meus afectos e perceptos⁵ junto ao bairro, tenho constatado que a senhora vem sendo simplória e determinista em suas formas de se relacionar com seu próprio corpo.

Senti que você enxerga Jaraguá como um lugar boêmio, perigoso, antigo e libertino e que, dessa forma, serve como palco para boates, bares, cabarés, festas e carnavais, por isso, lhe pergunto: esse seu órgão só tem apenas essas funções predefinidas? Ele se resumiria a esta paisagem? Me parece que você vem querendo estabelecer uma função única para essa parte de seu corpo, ou estou enganado? Você que se enxerga como bela não consegue ver beleza nessa sua parte?

Diante dessas indagações, quero lhe oferecer uma possibilidade. Não desejo lhe "curar" ou "consertar", pois penso que este não seja o caminho. Gostaria de lhe oferecer lentes multifocais e multidimensionais, através das quais, a senhora poderá, espero eu, encontrar um Jaraguá outro, bastante diferente do que a senhora está acostumada.

Com curiosidade e revolta,

o Monstro

⁵ "Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido" (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 213)

5.4 MAPA 01 – A RAIZ DA GARÇA, O GALHO DO MAR E A AREIA DO CÉU

Figura 20 – Mapa 01: A raiz da garça, o galho do mar e a areia do céu

Jogo de Palavras aleatórias
com as pistas coladas no mapa

Areia da praia da Avenida

Folha seca encontrada na
praia

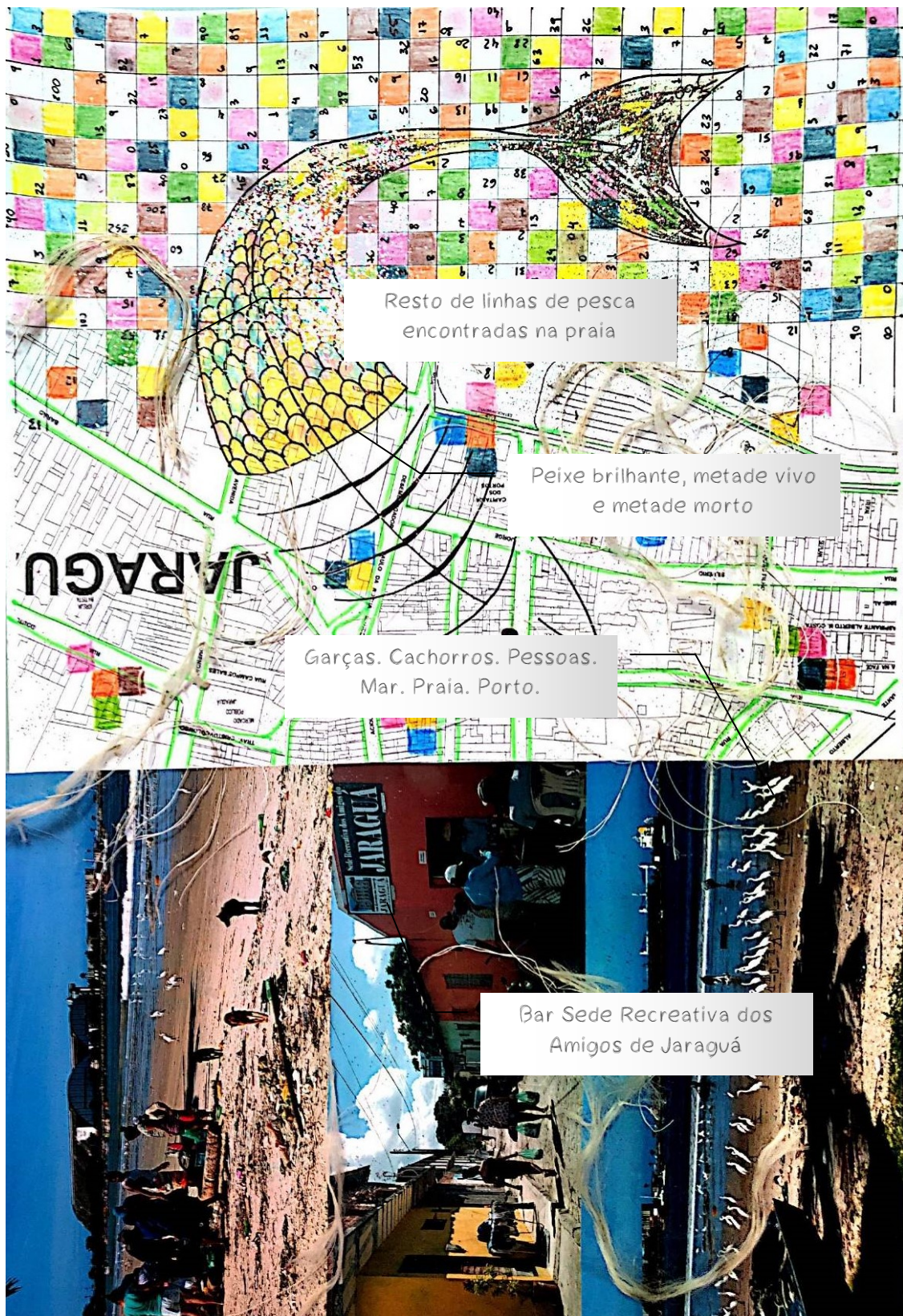
Paisagens verdes
atravessadas pelo caminho



FONTE: o autor, 2020.

5.5 MAPA 02 – HOMEM-PEIXE RICO

Figura 21 – Mapa 02: Homem-Peixe Rico



FONTE: o autor, 2020.

5.6 MAPA 03 – PI"X"O RAIZ/GRITOS DAS PAREDES

Figura 22 – Mapa 03: Pi"x"o Raiz/Gritos das Paredes



FONTE: o autor, 2020.

5.7 CARTA 02 – Ao Homem-Peixe

Sr. Homem-Peixe⁶,

Encontrei-lhe certo dia enquanto caminhava próximo ao estacionamento de Jaraguá. Outro dia, escrevi à cidade de Maceió a respeito da insistência que ela tem em enxergar a vida de Jaraguá como delimitada temporal e espacialmente: é como se o bairro só existisse em determinados trechos e/ou em dias específicos. Mas não tem sido isso que tenho descoberto a respeito da dinâmica desse bairro. A partir de Menezes (2000), lembro que em Jaraguá encontrei: um trânsito intenso – corriam soltos carros domésticos, caminhonetes, ônibus, caminhões –; pessoas na rua – homens conversando em frente a uma oficina mecânica, frentistas no posto de gasolina, um casal que caminhava pela ciclovia, ciclistas correndo na ciclovia, flanelinhas trabalhando na Praça Dois Leões, pessoas organizadas em fila indiana para entrar no banco –; ambulantes e estabelecimentos abertos – funcionavam vendinhas, bancos, postos de combustíveis, o recém inaugurado “centro pesqueiro”, uma loja de construção, alguns bares, mercadinhos, oficina mecânica e alguns órgãos públicos –; pessoas em atividade caminhavam em todas as direções.

Em meio a toda essa movimentação, lhe avistei ao longe. Naquele dia, fazia um sol lindo. Havia também barcos ao mar – jogando redes de pesca, indo e vindo, mesmo em tempos não tão propícios. Vale dizer, Sr. Homem-Peixe, que tudo isso foi observado em tempos de Pandemia⁷, ou seja: quando mais se esperava a morte do bairro já tido por “morto”, mais sua vida estava a pulsar. Seu cardume – amigos – , não muito numeroso, continuou a nadar enquanto conversamos sobre as coisas do mar, sobre as iscas, as armadilhas e outros assuntos de tempos remotos. Nossa troca foi muito empolgante, instigante e

⁶ O “homem-peixe” desta dissertação não se trata de uma releitura da figura benjaminiana. Aqui o homem peixe representa uma metáfora criada para um dos pescadores que foi entrevistado.

⁷ Pandemia de COVID19, que exigia da população um estado de quarentena, onde circular em público só deveria acontecer em casos de extrema necessidade. Observações: as coletas de dados, desta pesquisa, foram realizadas em dias aleatórios, no máximo de um dia por semana, ao longo dez meses, além disto o pesquisador buscou tomar todos os cuidados necessários, como o uso de máscara, luvas descartáveis e o distanciamento mínimo de 1,5m das pessoas entrevistadas.

produtiva, pois não se aprende todo dia a extrair oxigênio, escapar e enxergar certas arapucas que alguns predadores tentam nos impor.

Sem muitas pretensões, o senhor fez-me entender algo. Ao dizer que "a gente que nasce pobre, nasce pra sofrer", *"eles não querem saber o que a gente quer"*, *"agora tá difícil pra gente. A gente tem que pescar até no máximo 04:00h da tarde, porque senão eles não recebem o peixe. Antes nós podia pescar a hora que agente quisesse, agora não. Antes a gente chegava e tinha onde salgar o peixe, agora, ou a gente pesca nesse horário deles ou perde tudo"* (notas de diário de campo, 14 de julho de 2020), me fez enxergar que, possivelmente, nem o senhor e nem seu cardume tenham sido respeitados, considerados ou escutados verdadeiramente. Então, me ocorreu a lembrança da seguinte frase: *"Cardumes, bandos, manadas, populações não são formas sociais inferiores, são afectos e potências, involuções, que tomam todo animal num devir não menos potente que o do homem com o animal"* (DELEUZE; GUATTARI, 2011d, p.18).

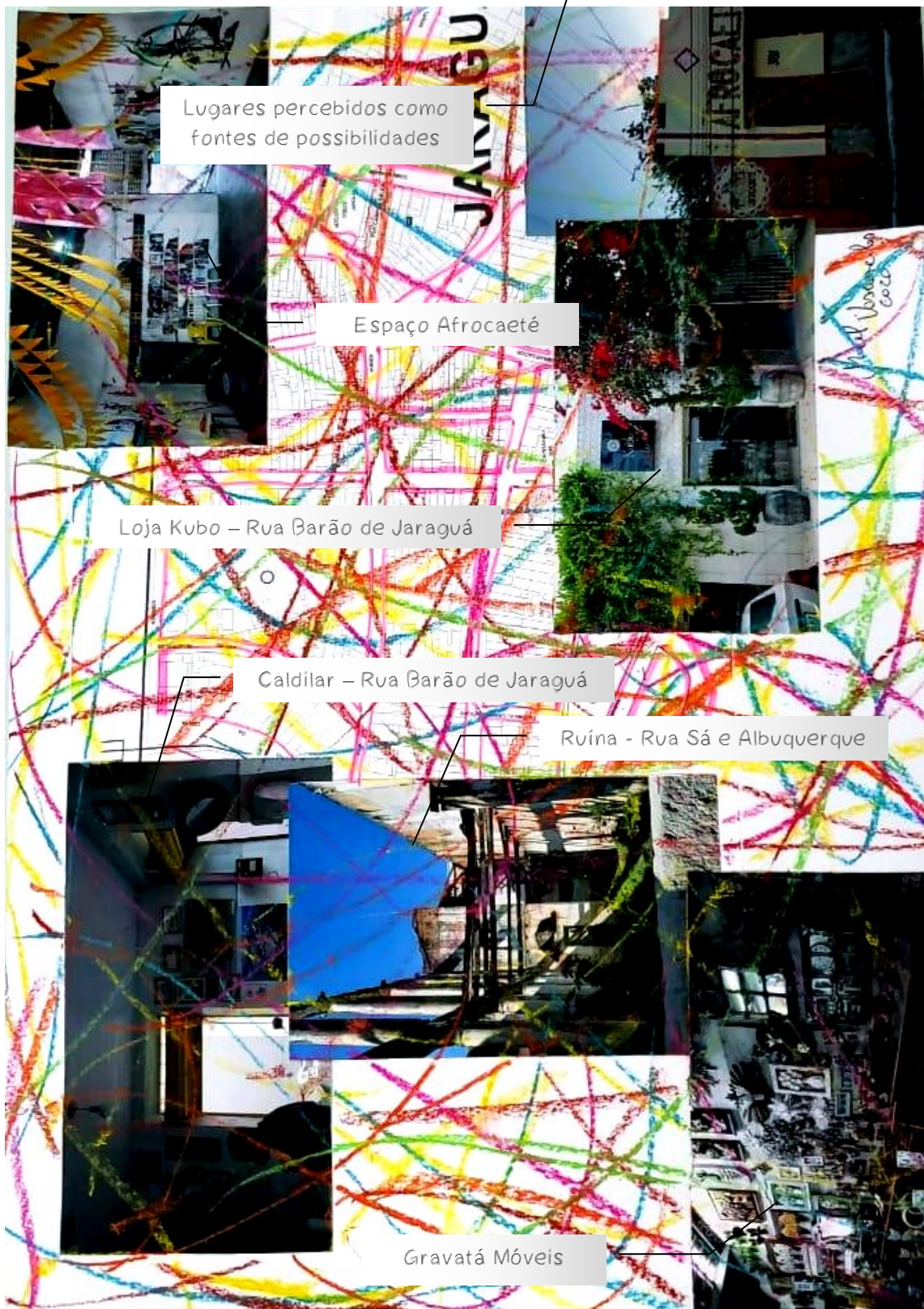
Dessa forma, escrevo-lhe esta carta por vários motivos: primeiro, gostaria de agradecer-lhe por compartilhar um pouco de suas histórias comigo e por me fazer perceber o quanto o senhor e os inúmeros e quaisquer cardumes são importantes; segundo, para dizer que nossas conversas deixaram-me atento, porém não surpreso, afinal, escutar suas falas me possibilitou enxergar suas formas de deslizar no bairro e na vida, me permitiu entender que o que falavam sobre o mar – Jaraguá –, ser um "oceano vazio" era algo superficial, já que não se trata de um bairro sem vida ou à beira de morrer; e terceiro, para compartilhar questões que me atravessaram dias depois de nossos encontros, por exemplo: quem estaria por trás de tal discurso do bairro vazio? Como esse discurso interfere na vida, que agora sei, que existe nesse mar? E como esse mar é a casa e o meio de vida de muitos cardumes de diversas espécies?

Mais uma vez grato,

o Monstro

5.8 MAPA 04 – Oásis

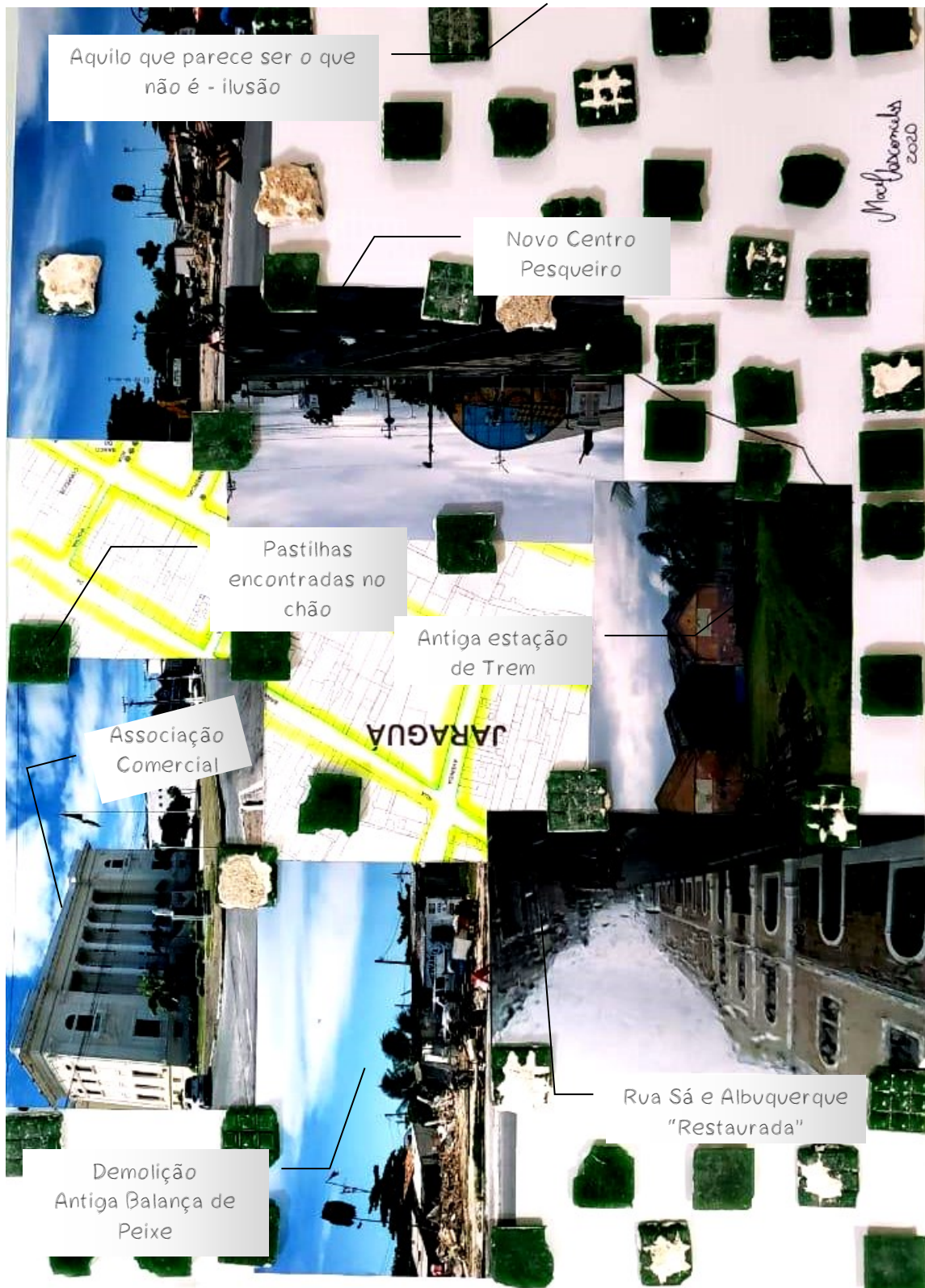
Figura 23 – Mapa 04: Oásis



FONTE: o autor, 2020.

5.9 MAPA 05 – Miragens

Figura 24 – Mapa 05: Miragens



FONTE: o autor, 2020.

5.10 CARTA 03 – A Foucault, Deleuze e Guattari

Queridos amigos,

Primeiramente gostaria de dizer que venho me tornando gago na minha própria linguagem, graças a vocês. Lhes escrevo esta carta para compartilhar como tenho desaprendido com Jaraguá, pois vocês me ensinaram a pensar. Durante minhas caminhadas atravessei ruas, observei encontros, parei, perdi tempo e ganhei espaços, como, certa vez, um outro amigo chamado Careri me recomendou.

As histórias que trago nesta carta começaram nas encruzilhadas onde tudo se cruza, onde cruzou uma mãe puxando seu filho pelo braço, onde cruzou um grupo de bancários que despediram-se entre si ao terminar o expediente, onde cruzaram, pessoas, cruzaram carros, cruzaram bichos. Nas encruzilhadas onde tudo pode atravessar, atravessou um vendedor de frutas que empurrava um carrinho, que empurrava frutas, que gritava: "olha o carro da fruta passando na sua porta!" e empurrando atravessou, foi e seguiu. Nas encruzilhadas encontrei fluxos e, para mim, fluxos são multiplicidades intensivas, já que:

"[...] multiplicidade intensiva é que constitui a novidade tipicamente deleuziana: a multiplicidade intensiva é feita de forças, de vetores, de relações diferenciais. Ela é não-numérica, espaço-temporal, qualitativa, contínua, heterogênea, ordinal, não-métrica, riemanniana, feita de partes que se fundem, se interpenetram, composta de linhas de força" (SILVA, 2004, p.18, grifos meus).

Quando tudo surge de uma raiz, passei a desejar que ela se faça rizoma. Enquanto atravessava o bairro, vi árvores, abracei árvores. Observei que muitas ruas não têm árvores e outras tantas têm. Observei que ruas que não têm árvores, muitas vezes, as têm. As árvores das ruas "sem" árvores brotam dentro de prédios em ruína. E enquanto o cérebro tende a pensar "não faça árvore" a árvore desliza e faz rizoma, faz um devir minoritário e transforma-se numa máquina de guerra, sobrevive, resiste, faz repetição e isso faz gaguejar. Afinal:

"Gaguejar é fácil, mas ser gago da própria linguagem é outra coisa, que coloca em variação todos os elementos linguísticos, e mesmo os elementos não-linguísticos [...]. É aí que o estilo cria a língua" (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p.42, grifos meus). *"Desestratificar, se abrir para uma nova função, diagramática. [...] Fazer da consciência uma experimentação de vida [...]. [...] Ser gago de linguagem, estrangeiro em sua própria língua"* (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p.90, grifos meus).

Seguindo os fluxos observei que durante o pré-carnaval, na famosa Rua Sá e Albuquerque, não passavam carros, passavam pessoas. O único carro que atravessou, nesse dia, foi um carrinho de supermercado de um catador de latinhas, que, enquanto, catava também pulava o frevo no ritmo dos tambores. O bairro que é banhado pelo mar da Praia da Avenida, fez multiplicidade intensiva, fez ENERGIA – Axé –, fez repetição (da forma como desejamos), e um mar de gente banhou as ruas, penetrou as ruas. Muitas dimensões sobrepostas. Um grande devir minoritário:

"Há uma figura universal da consciência minoritária, como devir de todo mundo, e é esse devir que é criação. [...] Essa figura é precisamente a variação contínua, como uma amplitude que não para de transpor, por excesso e por falta, o limiar representativo do padrão majoritário" (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p.53, grifos meus).

Já em outro dia, na contramão do que considero devir minoritário, do que considero também como aquilo que me possibilita devir monstro, encontrei o recém-inaugurado "Centro Pesqueiro". Bem perto habita uma escultura que clama por liberdade. Esse novo lugar ocupou o espaço onde vivia a antiga Vila dos Pescadores, também conhecida, por parte da sociedade, como "favela" de Jaraguá. A vila-favela foi realocada sob um discurso higienista/salvador. Então a palavra de ordem foi cumprida. O aparelho de estado ganhou poder. As linhas de fuga deslizaram e se transformaram em puras estratificações homogêneas e atuais. A marisqueira que perguntou: "vai querer camarão hoje?", depois de poucos minutos de conversa, também confessou: "aqui é mais limpo, mais organizado, mas não é como era lá" com a voz embargada. E aquele "mas" afetou-me como nunca antes na vida. Sobre afetação, Deleuze e Guattari (2011d) nos falam que:

"Uma estação, um inverno, um verão, uma hora, uma data têm uma individualidade perfeita, à qual não falta nada, embora ela não se confunda com a individualidade de uma coisa ou de um sujeito. São hecceidades, no sentido de que tudo aí é relação de movimento e repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e ser afetado" (DELEUZE e GUATTARI, 2011d, p.43, grifos meus).

Observei os balanços, assisti à dança e entrei na dança. Bem atento, vi o barco voltando do mar e, as pessoas se aglomerarem, as garças esperando por sobras. Enquanto parte dos pescadores desembaraçava a rede, outra parte vendia os peixes. Acompanhei os processos e tudo foi acontecendo. Eu fui chegando devagar e, ali na beira do mar, vi multiplicidades intensivas, vi o molecular, vi linhas de fuga, vi virtual, vi repetição, vi revolução. Surgiu outro centro pesqueiro: sem paredes, sem galpões,

sem regras, "sem" higiene, sem organização, fez um devir minoritário e me afetou. "O senhor vai querer peixe hoje? Aqui é fresquinho".

Caros amigos, meus olhos viraram, meu cérebro rachou quando busquei entender de onde vocês vieram. Confesso que fiquei impressionado. Confesso que não sou o mesmo desde então. A partir do que se entendeu/entendi como "virada linguística", que aconteceu em meados do século XX, foi possível compreender o papel da linguagem como construtora da realidade (SILVA, 2010) e isso me iluminou. Sendo a linguagem construtora da realidade, enquanto acompanhava os processos pixados/grafitados nas paredes, me questioneei: como decifrar esses códigos? Me autorrespondei: impossível! Afinal, esses códigos não obedecem à máquina de estado, esses códigos não oprimem, não controlam, são códigos não-fascistas, são rizomas, são linhas de fuga, são máquinas de guerra, são virtuais, moleculares, são multiplicidades intensivas, são senhas: *"existem senhas sob as palavras de ordem. [...] A mesma coisa, a mesma palavra, tem sem dúvida essa dupla natureza: é preciso extrair uma da outra – transformar as composições de ordem em composições de passagem"* (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p.58-59, grifos meus).

Peixe fresco e peles frescas à beira-mar. No meio do bairro de Jaraguá me "caiu a ficha" que a pele que habitava o trapiche não habita mais. Que a pele que habitava o armazém não habita mais. Que a pele que habitava o casarão não habita mais. Os trapiches, os armazéns e os casarões viraram bancos, casas de festas, boates, órgãos públicos, instituições... viraram, viraram, viraram... Atravessaram tantas coisas que agora viraram histórias. No entanto, agora, voltam a ser devires minoritários. Pois podem ser outra coisa, afinal já "foram" e não "são" mais. O que antes era institucionalizado liquefez-se, desmanchou-se, desintegrou-se. O molar foi desestabilizado deslizando até o molecular. Agora, o que ainda está de pé, é tudo o que eu não sei que possa ser. Agora, é tudo o que pode ser. São corpos sem órgãos em forma de bairro. Isso significa dizer que:

"a uma transformação de substâncias e a uma dissolução das formas, passagem ao limite ou fuga dos contornos, em benefício das forças fluidas, dos fluxos, do ar, da matéria, que fazem com que um corpo ou uma palavra não se detenham em qualquer ponto preciso. Potência incorpórea dessa matéria imensa, potência material dessa língua. Uma matéria mais imediata, mais fluida e ardente do que corpos e as palavras" (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 57, grifos meus).

Segui caminhando e na esquina do antigo e famoso beco das putas ou das raparigas, agora, o que se consome são "cachorros". Sr. M. não quis ser gravado.

Então, em uma conversa informal, descobri que o que já foi um bar se transformou em uma lanchonete há pouco mais de quarenta anos. As paredes guardam registros desse passado ainda vivo em Sr. M... O Caldilar recebe a todos - moradores, flanelinhas, pescadores, executivos, etc.,. Para mim, esse lugar se fez/faz rizoma e, por isso, me atravessou. Me chamou atenção o molecular "trans" presente em seu nome: "Caldilar", por não ser "caldo, nem ser "lar", mas ser algo "entre". A dica que eu dou é que quando visitarem o Caldilar não peçam um cachorro quente ou um passaporte (como habitualmente é conhecido cachorro quente em Alagoas), no Caldilar simplesmente se pede: "Sr. M. me vê um 'cachorro'!". Entendo que o Sr. M., mesmo sem saber, tenha obedecido à seguinte orientação: *"Faça rizoma e não raiz, nunca plante! Não seja uno nem múltiplo, seja multiplicidade! Faça a linha e nunca o ponto. Seja rápido, mesmo parado! Nunca suscite um General em você! Nunca ideias justas, justo uma ideia. Tenha ideias curtas"* (DELEUZE e GUATTARI, 2011a, p.36, com supressões, grifos meus).

E quando eu pensava que já havia visto de tudo nesse bairro, encontrei um Kubo. Mas esse Kubo, de cubo não tinha nada, parecia algo monstruoso, assim como ocorre quando monstros não têm nada de monstruoso. Esse lugar localizado na rua Barão de Jaraguá poucas pessoas conhecem, mas já está lá há mais de vinte anos, segundo relato da simpática gerente. Apesar de parecer "gourmet", esse kubo, para mim, representou muito mais que uma loja de plantas, flores, árvores e terrários, significou uma máquina de guerra. O Kubo é lindo, o Kubo é vivo, o Kubo faz gaguejar a linguagem que estratifica o bairro de Jaraguá a um lugar "morto". O kubo guerreia contra a máquina de estado que impõe o discurso de bairro "vazio". Ao questionar a simpática gerente: "Por que a loja havia escolhido se instalar em Jaraguá?" Ela respondeu; "O dono comentou comigo que gostava daqui e do movimento, naquela época o bairro tinha passado por uma reforma e ele acreditou que daria certo". Penso que deu e vem dando "certo", afinal quem iria pensar em encontrar um Kubo com "K" recheado de plantas e de cristais em Jaraguá?

Ainda mais inesperadamente, também encontrei outro lugar "despercebido" em Jaraguá. Contra a palavra de ordem, que tende a reduzir Jaraguá, que promove os estereótipos e suposições de bairro "perigoso", "vazio" e "sem" vida, existe ali uma loja cheia de detalhes, cheia de arte, cheia de intensidades. Essa loja se chama "Gravatá" em homenagem à terra natal de seu dono, que fica em Pernambuco. Então, perdi bastante tempo observando esse espaço. Me dei conta de que uma loja

"importada" que vende artesanatos feitos à mão cria rizoma, multiplicidades intensivas e devires minoritários. Porque faz verdadeira profusão de expressões, de possibilidades e de indefinições. A Gravatá de Jaraguá não segue padrões, não é homogênea, pois nela a palavra de ordem é não ter ordem! Tudo apenas vai chegando encontrando seu lugar e saindo, numa repetição de renovação.

Porém, amados amigos, como esta carta não trata de abstrações, trata de processos que foram sendo acompanhados... Em 05 de março de 2020 assisti ao "fim" da balança de Jaraguá e à demolição do resto dos barracos que ainda resistiam da Vila de Pescadores. Enquanto observava me faltou ar, me afastei, busquei o mar, meus olhos marejaram, minhas mãos tremiam...

Em meio aos gritos e ao barulho das retroescavadeiras, encontrei um pescador que remendava sua rede. Ele parecia não se importar com toda aquela agitação. Mas foi ele quem me falou, após alguns minutos de conversa: "a gente que nasce pobre, nasce para sofrer". Me dei conta, que na realidade ele estava desolado, busquei respeitar seu momento e o deixei com seus pensamentos. Então, como quem apaga um caderno escrito à lápis, a Balança foi "apagada", o lugar foi "apagado", as pessoas foram "apagadas". Tudo em nome de "organização", de "higiene", de "ordem", de um discurso que busca criar um lugar "melhor". Nesse dia nada fez mais sentido do que aquilo que se fala do poder da linguagem. Nesse dia, tive um entendimento profundo do que vocês quiseram dizer quando escreveram *"a linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer"* (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p.12).

Ainda seguindo o fluxo daquilo que me afetou/atravessou durante minhas imersões no bairro, também é necessário compartilhar com vocês como foram meus encontros com o riacho Salgadinho. Me lembrei que foi a partir de leituras que inicialmente tiveram a função de construir a contextualização histórica desta dissertação que encontrei-me pela primeira vez com o Riacho Salgadinho dos livros de história. Não sabia, por exemplo, que no começo do século XX ele havia sido desviado e aterrado. Não sabia que ele havia sido canalizado e reduzido. Ao observá-lo, não me contive, não pude conter minha imaginação, fechei os olhos e tentei imaginá-lo com 121 metros de largura. Tentei imaginar como seria atravessá-lo à canoa e à barca. Mas o principal pensamento ao encontrar esse riacho atual foi: como intervir? como desestabilizá-lo? como fazê-lo deslizar desse estado molar? Cada dia fico mais

convicto que uma possível resposta para todas essas indagações pode começar com a realização desta dissertação.

Como vocês puderam ver, meus amigos, foram muitas caminhadas, foram muitas paradas, foram muitas intervenções, muitas reflexões e muitos atravessamentos. Mas ainda gostaria de compartilhar com vocês mais um lugar molecular no Jaraguá. Foi numa noite de Pré-Carnaval em Jaraguá que conheci o coletivo Afrocaeté. Ele me atravessou. Seu maracatu, seus tambores, seus ganzás. Suas misturas se fazem afectos. Sua sede fica localizada na Rua Barão de Jaraguá. Ela foi gentilmente aberta por uma de suas representantes, especialmente para minha visita. Graças a essa gentileza pude conhecer o que está dentro, pude sentir a forte energia desse lugar. O Afrocaeté não se define. Segundo a mesma representante ele "é um lugar de passagem, onde amigos se encontram, onde batucam, dançam, brincam, celebram seus ancestrais e depois seguem". Na Jaraguá dos cartões postais ou do discurso instituído esse lugar não existe, ou não se enxerga. Mas nesta dissertação esse lugar está presente. Pois se faz corpos sem órgãos, se faz rizoma, se faz multiplicidades intensivas.

E, assim, como prometido a todos os que encontrassem a lâmpada, realizo aqui meus três desejos:

Desejo que essa carta chegue de algum modo a vocês.

Desejo que ela tenha feito multiplicidades intensivas.

Desejo que ela os tenha feito pensar.

Com saudades,

O Monstro

Fonte: o autor, 2020



CONSIDERAÇÕES FINAIS

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jaraguá. Areia branca. Mar azul. Céu claro. Sussurra o vento. Voam as garças. Pousam os pombos. Barcos ao mar. Redes de pesca. Peixes. Maresia. Pescadores. Caminhos. Rizomas. Estacionamento de Jaraguá. Balança de Jaraguá. Centro Pesqueiro. Museu da Imagem e do Som de Alagoas. Memorial da Independência. Praça Dois Leões. Rua Sá e Albuquerque. Ruas. Rua Barão de Jaraguá. Praça Marcílio Dias. Praças. Praça Rayol. Trapiche Jaraguá. Trapiche Segundo. Trapiche Novo. Trapiches. Armazéns. Iphan. Arquivo público. Estação de trem. Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo. Igreja Batista. Maracatus ancestrais. Penetrações. Multiplicidades intensivas.

Paro. Sento. Penso. Sinto. Sigo. Quintais. Casas. Crianças. Famílias. Vidas. Árvores. Cascas. Galhos. Raízes. Jardins. Partículas moleculares. Devires Minoritários. Param os carros. Chegam pessoas. Muitas pessoas. Todos chegam de todas as partes. Ruas ocupadas. Gritos. Euforia. Beijos. Pulos. Danças. Frevos. Marchinhas. Axé. Estandartes. Folia. Axé-Energia. Maracatu afro. Maracatu Afrocaete. Tambores. Ganzás. Gonguês. Sigo o plano. Plano. Plano de Imanência. Demolições. Desconstruções. O fim da Balança. O fim da favela-vila dos pescadores. Dores. Emoções. Tensões. Padrões. Palavras de ordem. Aparelho de estado. Árvore. Estratificação. Fim da linha. Desliza. Pôr-do-sol. Anoitece. Reciclagem. Repetição. Linhas de fuga. Atravessamentos. Agenciamento. Amanheceu. Me perdi. Kubo. Caldilar. Afrocaete. Gravatá. Jaraguá. Máquinas de guerra. Corpos sem órgãos. Afectos e Perceptos. Forças. Fluxos. Virtuais. Estes são alguns dos termos e movimentos de que me vali para falar da dinâmica socioespacial do bairro de Jaraguá.

Esta dissertação é fruto de trabalhos desenvolvidos junto ao Grupo de Pesquisa: Projeto, Patrimônio e Percepção da Paisagem e com o apoio do Laboratório de Percepção Urbana do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Para o desenvolvimento desta pesquisa, defini como assunto de pesquisa *as dinâmicas socioespaciais* e como objeto de estudo o bairro de Jaraguá em Alagoas. Assumi, especificamente, como tema, *as relações entre usuários e estigmas nas dinâmicas socioespaciais do bairro*. Lancei como questão de pesquisa a seguinte indagação: *Que efeitos as relações entre usuários e estigmas têm sobre as dinâmicas socioespaciais do bairro de Jaraguá-AL?* Na busca por respostas a essa proposição, tive o objetivo principal de *analisar os efeitos das relações entre usuários e estigmas sobre essas*

dinâmicas no bairro. Especificamente, atentei à detecção dos possíveis usuários e estigmas que constituem as dinâmicas socioespaciais do bairro; e à compreensão das relações constituídas entre usuários e estigmas e seus desdobramentos naquelas dinâmicas socioespaciais.

Jaraguá, segundo a grande maioria das referências bibliográficas levantadas, trata, possivelmente, do primeiro bairro da cidade de Maceió. O bairro teria contribuído efetivamente para a consolidação de Maceió como entreposto comercial e como capital do estado de Alagoas. Por ser, provavelmente, o bairro mais antigo da cidade, ainda é possível encontrar patrimônios edificados em suas ruas e avenidas. Nem sempre essas edificações encontram-se em um bom estado de conservação, muitas delas preservam apenas suas fachadas. Também foi possível constatar o papel e a importância do trapiche Jaraguá, da Praça Dois Leões e do Museu da Imagem e do Som de Alagoas – MISA, como obras emblemáticas para o bairro, para a preservação da paisagem e da memória do lugar. Tal contextualização histórica contribuiu também para apresentar o bairro de Jaraguá aos possíveis leitores desta dissertação.

A pesquisa que gerou a presente dissertação valeu-se de oito critérios metodológicos para balizar-se cientificamente. Entretanto, procurei dar relevo à Cartografia como método de abordagem e ao Caminhar como procedimento estético e de campo. Como ficou registrado e descrito no Caderno da Alquimista, esta pesquisa seguiu três pistas cartográficas ao longo de sua realização: a cartografia como pesquisa/análise-intervenção, a cartografia como método de acompanhar processos e a cartografia como política de uma narratividade. Em campo – caminhando e parando pelas ruas e avenidas – durante minhas interações/intervenções, pude comprovar, empiricamente, a potência e adequação de tais pistas. Pude compreender que, todas as vezes em que escrevi sobre algo “inesperado”, “improvável”, “incomum” ou “apagado” que havia me atravessado, estava também intervindo e desestabilizando aquilo se encontrava em um estado molar. Ao longo da redação desta investigação entendi que a forma como iria escrevê-la seria algo de extrema importância frente ao referencial teórico que foi assumido. Então, foi fundamental a sintonia que existiu no diálogo entre a Cartografia e o Caminhar atento/subversivo/perspicaz. Caminhando pude observar, penetrar, cruzar, atravessar e ser atravessado por muitos afectos e perceptos ainda não

descritos sobre o bairro e penso que isso só tenha sido possível devido a uma verdadeira imersão no objeto.

Os resultados desta pesquisa foram apresentados por meio de três frentes de produção de sentidos: as lentes; as cartas e os mapas. As lentes, as cartas e os mapas formam juntos os resultados da cartografia que possibilitou esta dissertação. Tais instrumentos apresentaram os conceitos, os afectos e os perceptos observados ao longo dos caminhos, do caminhar, do parar, do sentar, do participar, da interação. Nas ruas, nos prédios, nas pessoas, nas festas, nos ritmos, nas cores, nos cheiros, nos sons, nos movimentos, nos fluxos foram observados conceitos. Como é possível aprender com Deleuze e Guattari, tais conceitos não são dicotômicos, na verdade, são passíveis de sofrerem regulações. Em Jaraguá pude observar deslizamentos que variavam do molecular ao molar, da árvore ao rizoma, da máquina de guerra ao aparelho de estado, do virtual ao atual, da multiplicidade intensiva à extensiva, das palavras de ordem às senhas, dos buracos negros aos muros brancos e das estratificações às linhas de fuga. Assim pude ganhar outros espaços e ter outros olhares sobre as ruas “violentas”, as pessoas “perigosas” e o bairro “vazio”. Nesse sentido, ganhei sorrisos, conversas, folia, axé, lugares como o Afrocaeté, o Caldilar, o Kubo, Gravatá e as ruas, os caminhos, as encruzilhadas e os atravessamentos.

A dinâmica socioespacial vivida por mim apresentou-se como uma dinâmica viva, fluida e vibrante. Sendo composta por prédios em ruínas, por edificações reformadas e ou restauradas, por ruas, avenidas e praças tendo e exercendo vários usos – residencial, comercial, institucional e público. Sendo também composta pela interação de diferentes atores – bancários, pescadores, agentes públicos, marisqueiras, taxistas, flanelinhas, frentistas, seguranças, padre, homens, mulheres, gays, héteros, brancos, pretos, pardos, morenos, amarelos, vermelhos, pais, mães, avós, crianças, adolescentes, adultos, idosos, entre outros. Vivi o grande rizoma, o grande corpo sem órgão que é esse bairro chamado Jaraguá. Entendo que se trata de um bairro cuja dinâmica socioespacial é um grande emaranhado de formas e forças que se interpenetram, que coexistem e que não podem ser reduzidas, homogeneizadas e estratificadas como vem tentando fazer o aparelho de estado.

Nesta dissertação entendi “espaço” como algo móvel, vivo, dialético, dinâmico, fluido, algo “*como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama*” e “dinâmica socioespacial” como as possíveis forças e efeitos que os sujeitos exercem sobre os espaços e que os espaços exercem sobre os sujeitos. Além da desestabilização da linguagem que se volta contra o bairro de Jaraguá, durante toda a dissertação, tentei realizar desestabilizações em outros conceitos também percebidos como totalizantes, homogêneos e molares. Em o Monstro, foram postos em xeque os significados do que pode ser entendido por monstro, por cartas e mapas, por corpo sem órgão, por afectos e perceptos. O Monstro disponibiliza, em lentes, mapas e cartas, uma paisagem possível para o que encontrei ao esquadrihar a dinâmica socioespacial do bairro de Jaraguá. A última carta do Monstro retoma e amplia, sem fechar possibilidades interpretativas, os principais achados que tive com a dinâmica socioespacial do bairro. Partindo dos objetivos específicos, foi possível identificar, como usuários do bairro, todos os atores citados anteriormente. Foram identificados também os seguintes estigmas: o discurso de bairro perigoso, de bairro vazio e de bairro sem vida. O segundo objetivo específico voltou-se à compreensão das relações constituídas entre usuários e estigmas e seus desdobramentos nas dinâmicas socioespaciais. O objetivo principal de analisar os efeitos das relações entre usuários e estigmas sobre essas dinâmicas no bairro foi alcançado. Nesse sentido, pode-se entender que parte dos usuários tendem a enxergar o bairro conforme o discurso hegemônico dito, e assim, notei pessoas desconfiadas e com medo ao andarem nas ruas, pessoas com passos acelerados, o que desdobrava-se na forma como se constituem as dinâmicas socioespaciais. Eu mesmo me peguei capturado por esse discurso em alguns momentos de imersão no bairro. Tendo em vista todas as considerações realizadas acima, considero, como possível respostas à questão de pesquisa, que os efeitos das relações constituídas entre usuários e estigmas produzem linguagens que tendem a consolidar discursos essencializantes e homogeneizantes, e que por meio de tal discurso é que se estratificam e se perpetuam o ideário e o imaginário equivocado/distorcido do bairro de Jaraguá. Entendo, por fim, que esta dissertação pode vir a colaborar com pesquisas correlatas, com futuras pesquisas desenvolvidas pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFSC e de outros Programas de Pós-Graduações, podendo servir para balizar pesquisas e investigações futuras que também se constituam a partir de cartografias e de abordagens pós-críticas.

REFERÊNCIAS

- ALTAVILA, Jayme de. **História da Civilização das Alagoas**. 8ª ed., anotadas por Moacir Medeiros de Sant'Ana. EDUFAL, Maceió, 1988.
- ANDRADE, Lourdes Magalhães Corrêa de Oliveira. **Jogos de poder na revitalização dos centros históricos: o caso do bairro de Jaraguá em Maceió**. Dissertação final de Mestrado. (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- ARAÚJO, Kamilla Alves de Oliveira. **A valorização e a decadência da habitação do bairro do Jaraguá, Maceió-AL**. Ciências Humanas e Sociais. Alagoas;v. 4. n.2. p. 249-258. Novembro 2017. Disponível em: periodicos.set.edu.br.
- ATAÍDE, Débora Lucena de. **Jaraguá ontem e hoje: um lugar sob a ótica dos idosos**. Dissertação final de Mestrado. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.
- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da (Orgs.). In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 52-75.
- BENJAMIN, Walter. O Flâneur. In: **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo: Obras escolhidas**, Vol. 3. Ed. Brasiliense, 2017, p.198-264.
- CARERI, Francesco. **Caminhar e Parar**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo, editora Gustavo Gili, 2017, 128p.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminha como prática estética**. Tradução de Frederico Bonaldo. São Paulo, editora Gustavo Gili, 2016, 191p.
- COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte, editora Autêntica, 2000.
- CORAZZA, Sandra Mara. **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. Organizado por: Lucídio Bianchetti, Ana Maria Netto Machado. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- DANTAS, Carmen Lúcia; TENÓRIO, Douglas Apratto; MENEZES, José Luiz Mota. **Alagoas Memorável: Patrimônio Arquitetônico**. [S.ed.], 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**; tradução de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2011, p.148, 176 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011a, 94 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2; Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011b, 128 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3; Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011c, 144 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4; Tradução de Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011d, p.18, 176p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

FONTANA, Felipe. Técnicas de pesquisa. In: **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. MAZUCATO, Thiago (Org.). Penápolis: FUNEPE, 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FORTES, Cynthia Nunes da Rocha. **Um porto atlântico colonial da América Portuguesa: a participação de Jaraguá na formação do território alagoano e na gênese da cidade de Maceió**. Tese de Doutorado. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

GOULARTE, Raquel da Silva. **Interação, interacionismos: situando o interacionismo sociodiscursivo**. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/28049>> Acessado em: 30 janeiro 2020.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo. Editora: É Realizações, 2010.

LÔBO, Fernando Antônio Netto. **Museu da Imagem e do Som de Alagoas – MISA**. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/institucional/espaco-da-secult/misa/historico>>. Acessado em: 21 outubro 2019.

MENEZES, Marlucci. Do espaço ao lugar: do lugar às remodelações sócio-espaciais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 156-175, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Vinícius Silva. **Habitar o patrimônio: proposta de habitação de interesse social para o trapiche Jaraguá em Maceió/AL**. Trabalho Final de Graduação. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009a, p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. Por uma política da narratividade. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009b, p. 150-171.

PEDROSA, José Fernando de Maya. **Histórias do Velho Jaraguá**. Maceió, Editora: Talento, 1998.

PINTO, Edberto Ticianeli. **Jaraguá e a praça em que os leões venceram um general**. Maceió, 2015. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/jaragua-e-a-praca-em-que-os-leoes-venceram-um-general.html>> Acessado em: 30 maio 2019.

TRINDADE, Rafael. **Deleuze - Rizoma**. 2013. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>> Acessado em: 06 janeiro 2020.

TYBEL, Douglas. **O que é pesquisa de campo**. 2017. Disponível em: <<https://guiadamonografia.com.br/pesquisa-de-campo/>> Acessado em: 29 janeiro 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. 22a. edição, Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: FOUCAULT, Michel (Org.). **Ditos & Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 411-422.

SANTOS, Ivone dos. **Jaraguá, a enseada das canoas**. Revista do CHLA da Ufal, Ano II, nº 3, páginas 46 e 47. Maceió, dezembro de 1986. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/jaragua-a-enseada-das-canoas.html>>. Acessado em: 05 maio 2019.

SILVA, Amanda Renata Amorim e. **A Territorialidade do Patrimônio Cultural do Bairro do Jaraguá da Cidade de Maceió/AL**. Dissertação final de mestrado, (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A filosofia de Deleuze e o currículo**. Goiânia: Núcleo Editorial FAV/UFG, 2004, 74p.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

VASCONCELOS, Heber Macel Tenório; FIORIN, Evandro. **Patrimônio arquitetônico e urbano do bairro Jaraguá, Maceió / AL**. Anais [recurso eletrônico] do II Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural: as problemáticas da preservação do patrimônio cultural no século XXI: Anais : Volume I: Intervenção no Patrimônio Cultural, 11,

12, 13 e 14 de novembro de 2019 / Organizadores Juliana Silva Pavan et al. Cachoeira do Sul, RS, Brasil. - Cachoeira do Sul: UFSM-CS, p. 272-283, 2019.

VASCONCELOS, Heber Macel Tenório; FIORIN, Evandro. **Arquitetura, urbanismo e história do Bairro Jaraguá, Maceió / AL**. Research, Society and Development, 9(4), e12942843. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i4.2843>, 2020a.

VASCONCELOS, Heber Macel Tenório; FIORIN, Evandro. **A alquimista**: um ensaio metodológico. 5% Arquitetura + Arte, São Paulo, ano 15, v. 01, n.19, e141, p. 1-19, jan./jun./2020. Disponível em: Disponível em: <http://revista5.arquitetonica.com/index.php/component/search/?searchword=alquimista&searchphrase=all&Itemid=101>, 2020b.

VASCONCELOS, Heber Macel Tenório; MAKMARA, Marlécio Maknamara da Silva Cunha. **Arquitetura e educação**: a arquitetura escolar como elemento dos espaços escolares Research, Society and Development, 9(7), e106973986. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3986>, 2020.

YÁZIGI, Eduardo. **Deixe sua estrela brilhar**: criatividade nas ciências humanas e no planejamento. São Paulo: Ed. Pêiade, 2005. 158p.

